



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE,  
AMBIENTE E TRABALHO  
email: [sat@ufba.br](mailto:sat@ufba.br) <http://www.sat.ufba.br/>**



**OS SIGNIFICADOS DE RISCOS GENITURINÁRIOS DECORRENTES DO  
TRABALHO EM PRAIA E MANGUEZAIS PARA MARISQUEIRAS DE SALINAS  
DA MARGARIDA(BA).**

Ericka Souza Browne

**Dissertação de Mestrado**

Salvador (Bahia), 2016

OS SIGNIFICADOS DE RISCOS GENITURINÁRIOS DECORRENTES DO TRABALHO  
EM PRAIA E MANGUEZAIS PARA MARISQUEIRAS DE SALINAS DA  
MARGARIDA(BA).

Ericka Souza Browne

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Paulo Gilvane Lopes Pena

Dissertação apresentada ao Colegiado do Curso de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito obrigatório para a obtenção do grau de Mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho.

Salvador (Bahia), 2016

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Browne, Ericka Souza

OS significados de riscos geniturinários decorrentes do trabalho em praia e manguezais para marisqueiras de Salinas da Margarida(Ba) / Ericka Souza Browne. -- Salvador, 2016.

74 f.

Orientador: Paulo Gilvane Lopes Pena.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho) -- Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal da Bahia(UFBA), 2016.

1. Riscos geniturinários. 2. Marisqueiras. 3. Doenças ocupacionais. I. Pena, Paulo Gilvane Lopes. II. Título.

BANCA EXAMINADORA

ERICKA SOUZA BROWNE

OS SIGNIFICADOS DE RISCOS GENITURINÁRIOS DECORRENTES DO TRABALHO  
EM PRAIA E MANGUEZAIS PARA MARISQUEIRAS DE SALINAS DA  
MARGARIDA(BA).

**Prof. Dr. Paulo Gilvane Lopes Pena (professor-orientador)** – Médico, doutor em Sócio Economia do Desenvolvimento pela Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales em Paris e pós-doutor pela ENSP (Escola Nacional de Saúde Pública), professor associado do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

---

**Prof. Dr. Mônica Angelim Gomes de Lima** – Médica, doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia (2005), Estágio Pós-doutoral com o Professor Patrick Loisel, Professora Associada I do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Bahia/Universidade Federal da Bahia.

---

**Prof. Dr Mariza Silva Almeida** – Enfermeira, doutorado em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (2005). Atualmente é professora adjunto II da Escola de Enfermagem/ Universidade Federal da Bahia.

---

Apresentado em 31 de maio de 2016

**FONTE DE FINANCIAMENTO**

Bolsa de Estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof Dr Paulo Pena, por ter acreditado que daria certo desde o início, pelo apoio nos momentos difíceis da vida e incentivo para a realização de mais um sonho, o Doutorado.

Às professoras Mônica Angelim e Cláudia D'arede, pelo rico aprendizado sobre a pesquisa qualitativa e o objeto de estudo dessa pesquisa.

Ao Professor Fernando Carvalho, pelos questionamentos de pesquisa e pelas observações sempre pertinentes.

À turma do mestrado, símbolo de união e dedicação aos estudos, que me inspiraram a ser uma melhor aluna.

Às minhas colegas queridíssimas que me fizeram companhia nessa trajetória pela pesquisa qualitativa, Cláudia Quadros, Queli Nascimento, Gabriela Souza e Patrícia Sandes. Vocês foram meu exemplo de força e luta.

A minha família querida, “Dó, ré, mi”, Dona Maria, Seu Browne e Marcela, tão presentes em todos os momentos, bons e ruins. Essenciais na tessitura da minha trajetória acadêmica.

Às minhas amigas, antigas e queridas (Tchucas), que respeitaram a minha ausência por muito tempo e minhas chateações de sempre.

Agradeço, em especial, toda a equipe de saúde de Salinas das Margaridas e as lideranças das marisqueiras, e as marisqueiras e pescadores, que foram muito receptivos e cuidadosos comigo.

## SUMÁRIO

<b>1. Resumo.....</b>	<b>06</b>
<b>2. Apresentação da Dissertação.....</b>	<b>07</b>
<b>3. Introdução.....</b>	<b>08</b>
<b>4. Objetivos.....</b>	<b>11</b>
<b>Artigo 1</b>	
1.1 Resumo.....	13
1.2 Introdução.....	15
1.3 Metodologia.....	17
1.4 Resultados e Discussão.....	20
1.5 Conclusões.....	34
1.6 Referências.....	35
<b>Artigo 2</b>	
2.1 Resumo.....	40
2.2 Introdução.....	42
2.3 Metodologia.....	43
2.4 Resultados e Discussão.....	45
2.5 Conclusões.....	54
2.6 Referências.....	55
<b>5. Considerações Finais.....</b>	<b>59</b>
<b>6. Referências.....</b>	<b>60</b>
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e esclarecido.....	66
APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	67
ANEXO 1: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	70
ANEXO 2: Revista para publicação- artigo I.....	74

## OS SIGNIFICADOS DE RISCOS GENITURINÁRIOS DECORRENTES DO TRABALHO EM PRAIA E MANGUEZAIS PARA MARISQUEIRAS DE SALINAS DA MARGARIDA(BA).

### RESUMO

O processo de trabalho realizado pelas marisqueiras está diretamente relacionado a riscos ginecológicos e urinários devido ao contato direto com a umidade dos manguezais e da água marinha. Este estudo tem o objetivo compreender os significados dos riscos geniturinários decorrentes do trabalho em ambientes úmidos de marisqueiras do Salinas da Margarida(Ba). Trata-se de um estudo qualitativo de abordagem etnográfica que utilizará a entrevista semiestruturada, observação participante e o diário de campo como instrumentos de investigação. Os sujeitos serão as Marisqueiras de Salinas da Margarida(Ba). As narrativas serão analisadas por meio da apreensão de sentidos, significados e símbolos com suporte do método hermenêutico de interpretação de práticas sociais e culturais envolvendo o trabalho das mulheres pescadoras. Os resultados poderão contribuir para a melhoria das condições de saúde das marisqueiras, através do conhecimento dos significados de risco geniturinários decorrentes do ambiente úmido e de que forma poderá se realizar ações de prevenção de enfermidades ocupacionais.

Palavras-chave: riscos geniturinários; doenças do trabalho; marisqueiras

### ABSTRACT

The work process used by shellfish collectors is directly related to gynecological and urinary risks due to direct contact with humidity mangrove and marine water. This study has the objective: Understand the meanings of risks genitourinary of working on humid environments of Shellfish collectors of the Salinas da Margarida (Ba). This is a qualitative study of ethnographic approach that will use the semi-structured interview, participative observation as a research tool. The subject will be the Shellfish collectors of the Salinas da Margarida(Ba)The narratives will be analyzed through the apprehension of meanings, significance and symbols with hermeneutical method support interpretation of social and cultural practices involving the work of fisherwomen. The results may contribute to the improvement of health conditions of Shellfish collectors, through the knowledge of the meanings of genitourinary risk arising from the humid environment and how it will be held from occupational diseases prevention actions.

Keywords: Genitourinary risks; occupational diseases; shellfish collectors

## 1. APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Este estudo intitulado “OS SIGNIFICADOS DE RISCOS GENITURINÁRIOS DECORRENTES DO TRABALHO EM PRAIA E MANGUEZAIS PARA MARISQUEIRAS DE SALINAS DA MARGARIDA(BA)”, que tem como tema principal os significados dos riscos geniturinários em marisqueiras, surgiu a partir dos relatos destas trabalhadoras aos pesquisadores da equipe de campo, presentes em várias regiões do Recôncavo Baiano (Santo Amaro, Ilha de Maré, Salinas da Margarida e outras).

O primeiro artigo buscou compreender os significados dos riscos geniturinários das marisqueiras de Salinas da Margarida-Bahia e tem como eixos temáticos: 1. Trabalho em ambiente úmido: “frieza” e “quentura” no cotidiano das marés; 2. Significados de vagina e “problemas de mulher”; 3. Riscos geniturinários no trabalho no mangue e nas praias. O segundo artigo buscou compreender os significados da poluição mangue e da maré, e suas consequências para o trabalho e para a saúde das marisqueiras em Salinas da Margarida- Bahia e teve como eixos temáticos: 1. Ambiente de trabalho: “Tem esgoto, tem tudo, mas ainda não é poluído muito”; 2. Carcinicultura e a mariscagem.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do projeto do Prof. Dr Paulo Pena iniciado em 2005, que contou com a participação de uma equipe multidisciplinar, “voltado para o estudo de doenças e dos acidentes de trabalho nas atividades de mariscagem em várias comunidades pesqueiras do litoral da Bahia” (MARTINS; PENA, 2014, p.20).

Essa temática foi escolhida pela autora após a visita de campo realizada na cidade de Santo Amaro, onde, inicialmente seria desenvolvida a pesquisa. Após observação de todo o processo de trabalho da Marisqueira, desde a sua saída da sede de apoio (comunitária) até catação e armazenamento (empacotamento) do marisco, foram identificados alguns aspectos relevantes relacionadas à saúde dessas trabalhadoras. Além da identificação de problemas osteoarticulares provenientes do esforço repetitivo e do peso do marisco, o olhar da autora voltou-se para outros aspectos, como a saúde da área ginecológica, e surgiram algumas perguntas: como essas mulheres fazem quando estão molhadas (na maré) e será que isso prejudica a saúde geniturinária?; como elas fazem quando estão grávidas e menstruadas?; Como fazem suas necessidades fisiológicas no trabalho?.

Então, após observar sobre todos esses importantes aspectos, a autora, a partir de sua experiência com enfermagem em saúde pública e hospitalar, abraçou uma nova proposta de estudo, os riscos geniturinários nas marisqueiras. Isso seria um grande desafio, já que, até então, na literatura científica, não havia nenhum estudo que abordasse esses aspectos associados ao trabalho de mariscagem.

Não contente com esta escassez de evidências científicas, a autora começou a buscar apoio para a realização de um novo estudo, além do proposto para o Mestrado, sobre a relação da mariscagem com infecções ginecológicas (estudo quantitativo). Essa proposta foi bem aceita pelo Instituto de Geociências e pelo Instituto de Farmácia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Entretanto, a crise financeira afetou as universidades brasileiras e não haveria mais recursos para esse ano. Então, essa pesquisa foi postergada para um momento oportuno.

A escuta das Marisqueira foi realizada em dois momentos: uma em Santo Amaro e a outra em Salvador, na casa das águas. No primeiro momento, a escuta foi bem dirigida para a frequência de infecções vaginais nas Marisqueiras, e da assistência de saúde no Município (os atendimentos do Programa de Saúde da Família estavam desativados). No

segundo momento, a reunião se deu com líderes das marisqueiras de Cachoeira, Santo Amaro, Maragogipe e Salinas da Margarida, e elas relataram aspectos importantes, como a maricultura e os malefícios dessa atividade para a saúde das trabalhadoras e para o mangue em diversos lugares do litoral baiano. A partir disso, levantou-se outra problemática, que seria o aumento de infecções geniturinárias nas marisqueiras e a relação com a alta contaminação dos mangues e da maré.

Este estudo é qualitativo e tem aporte teórico centrado na hermenêutica de Paul Ricoeur e no conceito de cultura de Clifford Geertz. Este primeiro está centrado na interpretação da fala do entrevistado considerando o seu contexto sócio-antropológico e cultural. E o último está centrado na interpretação das culturas, através da “descrição densa” das atitudes, signos e significados.

O estudo qualitativo foi escolhido porque considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser quantificado, aprofundando-se no mundo das significações, vivências, experiências e relações pessoais (TRIVIÑOS, 2008).

A abordagem qualitativa busca “... compreender as relações, as visões e o julgamento dos diferentes atores sobre a intervenção na qual participam, entendendo que suas vivências e reações que fazem parte da construção da intervenção e de seus resultados” (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO; SANTOS, 2005, p. 82). Esta perspectiva está no contexto da antropologia, na medida em que busca compreender os costumes, crenças, hábitos e aspectos físicos da sociedade. E a antropologia social estuda as relações entre a cultural, a sociedade e o indivíduo (LAPLANTINE, 2003).

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de entrevistas guiadas por formulário semiestruturado contendo questões sobre trabalho, seus significados e riscos ginecológicos e urinários (APÊNDICE A). E, além disso, foi realizada a observação participante, utilizando o diário de campo para a complementação das significações contidas nas falas dos entrevistados.

As entrevistas (após serem consentidas pelos sujeitos- APÊNDICE B) foram gravadas para que nenhuma informação contida na fala fosse perdida. Sendo, porém, respeitado o consentimento do entrevistado. Cada entrevistado recebeu um nome fictício para garantir o seu anonimato. Esses nomes foram definidos a partir de nomes de antigos amigos ou pessoas conhecidas pela autora.

Todas as entrevistas foram transcritas e digitalizadas em ordem sequencial: Questão, resposta e inferências sobre as falas do entrevistado, para facilitar o estudo e

análise do material obtido. Durante a transcrição dos depoimentos, foram feitas observações sobre o volume e a entonação da voz e silêncios entre as falas, considerando que são características importantes para a compreensão das ideias expressas.

Os sujeitos sociais na observação participante são resultado da interação entre a consciência e a realidade, subjacentes a interação entre o observador e o observado. Neste contexto, emerge elementos fundamentais na observação participante, que são as tradições, os costumes, os sentimentos do grupo, o conjunto de regras determinadas e implícitas no grupo social. “Com o auxílio da observação participante, o pesquisador analisa a realidade social que o rodeia, tentando captar os conflitos e tensões existentes e identificar grupos sociais” (QUEIROZ; VALL et al., 2007).

Para estes autores, primeira etapa da observação participante corresponde à aproximação ao grupo social e aceitação do pesquisador. Esta aproximação é condição primordial para que a pesquisa seja realizada. A segunda etapa se configura como aquela que busca através de outros instrumentos qualitativos a percepção do grupo social. Nesta fase podem ser utilizados estudos documentais, entrevistas e diários de campo. E a terceira e última, é a sistematização e organização dos dados, que nesse estudo será utilizado a interpretação de sentidos.

O diário de campo foi elaborado detalhadamente, com a descrição da paisagem; do processo de trabalho das marisqueiras, de como elas dialogavam e percebiam os riscos ambientais, gestos e atitudes sociais.

O diário de campo deve contemplar a "análise dos acontecimentos, o registro das reflexões sobre as vivências e os caminhos a serem traçados para lidar com os dilemas do pesquisador"(SOUZA, 2012).

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, e aprovada após as devidas correções sob protocolo n 1.048.110 (ANEXO 1).

## **2. OBJETIVOS**

**2.1.** Compreender os significados dos riscos geniturinários presentes no processo de trabalho de marisqueiras em Salinas da Margarida(Ba).

**2.2.** Compreender os significados da poluição do mangue e dos mares e suas consequências para o trabalho e para a saúde das marisqueiras em Salinas da Margarida(Ba).

**ARTIGO I**

**SIGNIFICADOS DE QUEIXAS GENITURINÁRIAS DE MARISQUEIRAS: SEUS  
“PROBLEMAS DE MULHER” NO COTIDIANO DAS MARÉS**

Ericka Souza Browne

## **SIGNIFICADOS DE QUEIXAS GENITURINÁRIAS DE MARISQUEIRAS: SEUS “PROBLEMAS DE MULHER” NO COTIDIANO DAS MARÉS**

### **RESUMO**

O processo de trabalho realizado pelas marisqueiras está diretamente relacionado a riscos ginecológicos e urinários devido ao contato direto com a umidade dos manguezais e da água marinha. Este estudo teve o objetivo compreender os significados dos riscos geniturinários decorrentes do trabalho em ambientes úmidos de marisqueiras de Salinas da Margarida-Bahia. Trata-se de um estudo qualitativo de abordagem etnográfica que utilizou entrevista semiestruturada, observação participante e o diário de campo como instrumentos de investigação. Os participantes foram as Marisqueiras de Salinas da Margarida/Bahia, com atividade de campo realizada durante dois meses em 2015. As narrativas foram analisadas por meio da apreensão de sentidos, significados e símbolos com suporte do método hermenêutico de interpretação de práticas sociais e culturais envolvendo o trabalho das mulheres pescadoras. As categorias analisadas foram: 1. Trabalho em ambiente úmido: “frieza” e “quentura” no cotidiano das marés; 2. Significados de vagina e “problemas de mulher”; 3. Riscos geniturinários no trabalho no mangue e nas praias. Os resultados revelaram que as marisqueiras têm noção do que seja infecções/ inflamações na vagina e que o ambiente de trabalho permanente submersa na água pode ser causa dessas afecções. Elas citam que a “quentura” e a “frieza” são os principais fatores que influenciam na saúde da vagina. Observou-se também que o tipo de vestimentas usadas por elas no trabalho podem prejudicar a adequada ventilação e circulação sanguínea da vagina, ocasionando aumento da umidade local. Significados estigmatizados em torno da vagina e da condição feminina no contexto da exposição continuada à lama e à água do mar dificultam a construção do risco como importante elemento para a significação das infecções geniturinárias pelas marisqueiras. A partir do conhecimento adquirido, observa-se que a experiência de trabalho com exposição prolongada a água é caracterizada pela naturalização das queixas ginecológicas e desconhecimento da sua natureza ocupacional. Sendo assim, ainda é necessário estudar mais profundamente esta temática, visto que, as marisqueiras estão diariamente expostas a condições de trabalho que favorecem o aumento na frequência de infecções geniturinárias.

Palavras-chave: riscos geniturinários; doenças do trabalho; marisqueiras

## **MEANING OF GENITOURINARY COMPLAINTS IN THE SHELLFISH COLLECTORS: YOUR "WOMAN PROBLEMS" IN DAILY LIFE OF TIDES**

### **ABSTRACT**

The work process used by shellfish collectors is directly related to gynecological and urinary risks due to direct contact with humidity mangrove and marine water. This study was the objective: Understand the meanings of risks genitourinary of working on humid environments of shellfish collectors of the Salinas da Margarida- Bahia. This is a qualitative study of ethnographic approach that used the semi-structured interview, participative observation as a research tool. The participants were the Shellfish collectors of Salinas da Margarida / Bahia. The narratives were analyzed through the apprehension of meanings, significance and symbols with hermeneutical method support interpretation of social and cultural practices involving the work of fisherwomen. The categories analyzed were: 1. . Work in a humid environment, "coolness" and "hotness" in the routine of tides; 2. vagina Meanings and "women's problems"; 3. Risks genitourinary at work in the mangroves and beaches. The results revealed that the shellfish collectors are aware of what infections / vaginal inflammation and the environment can be cause of these diseases. They cite the "hotness" and "coolness" are the main factors that influence the health of the vagina. It was also observed that the clothes worn by them may prevent adequate ventilation and blood circulation of the vagina, causing increased local humidity. Meanings stigmatized around the vagina and the female condition in the context of continued exposure to mud and seawater hinder the construction risk as an important element to the significance of genitourinary infections by shellfish collectors. As of the acquired knowledge, it was also observed that the experience of working with prolonged exposure to water is characterized by naturalization of gynecologic complaints and lack of knowledge of their occupational nature. From the acquired knowledge, there is still needed to study more deeply this issue, since the shellfish collectors are daily exposed to working conditions that foster the increased frequency of genitourinary infections.

Keywords: Genitourinary risks; occupational diseases; shellfish collectors

## INTRODUÇÃO

A categoria profissional das pescadoras profissionais está sujeita a condições de trabalho que trazem riscos à saúde. O processo de trabalho realizado pelas Marisqueiras (assim chamadas pela Classificação Brasileira de Ocupação - CBO) (MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO, 2012) está diretamente relacionado a riscos de distúrbios musculoesqueléticos (DME), dermatoses e afecções ginecológicas, dentre outros (PENA; MARTINS, 2014). Contudo, além dos riscos que caracterizam os distúrbios musculoesqueléticos (DME) decorrentes da carga de trabalho exaustiva, existem aqueles decorrentes do ambiente natural, pela exposição às intempéries climáticas, como os raios solares e à friagem; lesões em pés, devido às cascas dos mariscos; contaminação por poluentes da água e contato com parasitas e microrganismos (BAHIA, 2010).

Um levantamento das doenças referidas por Marisqueiras em Ilha de Maré, destacou a elevada ocorrência de infecções ginecológicas e urinárias, que podem estar relacionadas à exposição prolongada à água, devido a atividade de mariscagem, assim como o contato com o manguezal contaminado por dejetos humanos e resíduos industriais. Porém, este tipo de patologia ainda não se configura como doença ocupacional, pois não há ainda na literatura estudos epidemiológicos sobre esta temática nesta população específica (FREITAS, 2014).

Conhecer os riscos de doenças no contexto sociocultural é importante para apropriação de conteúdo, entender comportamentos e pensamentos em relação à saúde na população. Esse conhecimento pode orientar ações de prevenção de doenças e da proteção da saúde. (TRINDADE; SOUZA, 2010). Nesse sentido, a motivação para a realização desse estudo surgiu a partir de queixas frequentes das marisqueiras com relação a problemas ginecológicos e urinários, e pela possível associação destas queixas a exposição prolongada à água em seu ambiente de trabalho.

Para a compreensão dos significados dos riscos de adoecimento por doenças ginecológicas e urinárias, segundo o olhar das Marisqueiras, é necessário discutir três elementos: o corpo (significados dos órgãos geniturinários, inclusive da vagina), a dor (“illness”), a cultura e as relações destes elementos com o trabalho.

A significação do corpo é adquirida a partir da convivência em sociedade e da cultura. Cada fator individual é influenciado pela origem social e cultural, e isso tem efeitos importantes sobre a saúde do indivíduo, seja no cuidado dado ao corpo, seja na exteriorização desses significados no meio social. Desta forma, o corpo é o meio onde a

sociedade se comunica, ou melhor; no corpo, a cultura se impõe e se mostra para o mundo. Cada grupo social possui seu imaginário corporal e social (HELMAN, 2009).

A visão de que o corpo é um elemento socialmente construído é essencial para a formação de mitos, símbolos e crenças. (GOMES, 2012). O corpo das marisqueiras possui um aparato simbólico que descreve sua vida no manguezal e sua ligação com o ambiente natural. Todos os gestos e atitudes e sobretudo os ciclos de vida (menstruação, gravidez e amamentação) são moldados pelas especificidades do ambiente, como as marés e a catação do marisco (GOMES, 2012). “O corpo define-se de acordo com as regras do mundo social no qual se inscreve” (SARTI, 2001, p. 7).

Em estudos realizados recentemente, as marisqueiras associam as infecções ginecológicas com a exposição prolongada às variações de temperatura da lama no inverno ou verão, entendidas por meio de suas falas como “quentura” ou “friagem” do mangue (SANTIAGO; ACCIOLY, 2011). Considera-se também que a infecção ginecológica e urinária causa um tipo de dor (illness), já que esta representa qualquer moléstia relacionada com incômodo. A terminologia “illness” é a ponte para o entendimento da antropologia em saúde. O conceito de risco relatado nesse estudo estará centrado na antropologia, pois pode ser percebido como “perigo” no contexto sociocultural, sendo uma ampliação de análise, que vai além da estatística (SEVALHO; CASTIEL, 1998).

A dor e o desconforto estão presentes no cotidiano das Marisqueiras, tanto pelas consequências da má postura e da repetitividade da atividade exercida quanto pelas possibilidades de infecções ginecológicas e urinárias decorrentes do contato com a água do mar e dos manguezais (PENA; MARTINS, 2014).

São fatores predisponentes para infecções geniturinárias o clima tropical, condições locais de umidade, falta de arejamento vulvar, uso de roupas sintéticas e roupas justas, entre outras. As infecções vaginais são caracterizadas por corrimento vaginal, prurido ou odor (SILVA et al., 2010). As doenças mais frequentemente associadas ao corrimento vaginal são a vaginose bacteriana, a candidíase e a tricomoníase (GOMES; FRUTUOSO et al., 2012).

Sendo assim, este estudo tem como objetivo compreender os significados dos riscos geniturinários decorrentes do trabalho em praias e manguezais para as marisqueiras de Salinas da Margarida(Ba).

## **METODOLOGIA**

Salinas da Margarida foi o campo escolhido para estudo, local situado a aproximadamente 270 km de Salvador (via rodovia), com mais de 13.000 habitantes, constituída, em sua maioria, de pescadores e marisqueiras, é banhada pelas águas da Bahia de Todos os Santos (BTS) e constituída pelos distritos de Dendê (Porto da Telha), Encarnação, Conceição de Salinas, Cairu e de Barra do Paraguaçu. Possui uma vasta área de manguezais com grande biodiversidade de fauna e flora.

O projeto foi submetido à avaliação de um Comitê de Ética em Pesquisa sob o protocolo nº 1.048.110. Os aspectos éticos relativos à pesquisa com seres humanos atenderam às diretrizes da Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a realização das entrevistas e todos os materiais das entrevistas foram guardados em local apropriado e sigiloso.

As participantes (15) recrutadas para a pesquisa foram provenientes de Salinas e adjacências no período de julho a agosto de 2015, sendo oito de Salinas, quatro de Conceição de Salinas e três de Encarnação, com faixa etária variando de 30 a 65 anos de idade, com tempo de mariscagem acima de 20 anos. O primeiro grupo de participantes foram acolhidas a partir de uma reunião realizada em Conceição de Salinas e as demais participantes foram escolhidas aleatoriamente ou por indicação de alguma outra marisqueira. A maior parte delas possui renda exclusiva da mariscagem e somente três trabalham também com outras atividades, na limpeza e na educação, são casadas com pescadores da própria região e possuem média de dois filhos.

O número de participantes foi delimitado usando a técnica de saturação de dados, quando o conteúdo das falas começaram a se repetir, não contribuindo mais para o aprofundamento da temática trabalhada.

A coleta de dados foi realizada através da aplicação de entrevistas guiadas por formulário semiestruturado com duração máxima de 45 minutos, contendo questões sobre trabalho, seus significados e riscos ginecológicos e urinários. E, além disso, utilizou-se a observação participante, através do diário de campo para o enriquecimento das significações contidas nas falas dos entrevistados.

Todas as entrevistas foram gravadas e armazenadas em local seguro, e logo após, foram transcritas e revisadas, para que não houvesse falhas e perdas de sentidos das falas. Em seguida, foram analisadas e separadas em categorias, eixos temáticos, falas principais

e significados. E, a partir disso, foram construídas as redes de significações em cada eixo temático.

Este artigo tem natureza socioantropológica, e se aproximou da abordagem etnográfica, onde se utilizou o *método da interpretação dos sentidos*, baseando-se na hermenêutica-dialética (GOMES; SOUZA; MINAYO; SILVA; MALAQUIAS, 2005).

A aproximação do conteúdo das falas e de seus significados foram realizadas tendo em vista a Teoria da interpretação de Paul Ricoeur (2009) e interpretação das culturas de Clifford Geertz (2008), os quais aprofundam os conhecimentos sobre os significados, a hermenêutica e cultura. O objeto da etnografia remete à "descrição densa", ou seja, a análise pormenorizada do ser humano, tendo em vista a sua cultura. Para este autor,

.há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o dito num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis (GEERTZ, 2008,p.15).

Os princípios da hermenêutica estão fundamentados na experiência cultural que se convertem em vivências, significados compartilhados e símbolos, e na análise do contexto e na *práxis*, tendo em vista que somente a comunicação humana não é suficiente para representar a vida social. Já a dialética, busca na comunicação humana, através das contradições da linguagem e dos fatos, um meio crítico e frutífero, valorizando “os processos na dinâmica das contradições, ressaltando o condicionamento histórico das falas, relações e ações” (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO; SANTOS, 2005).

Por meio da articulação entre a hermenêutica (arte de compreensão) e a dialética (arte do estranhamento e da crítica), esse estudo se propõe a interpretar os sentidos atribuídos aos riscos ginecológicos das Marisqueiras, situando-os no espaço de suas interações com o trabalho e na relação do cuidado de saúde. Nessa abordagem busca-se á compreender e contextualizar os sentidos subjacentes às falas e às ações dos sujeitos investigados. “Na sua articulação, a hermenêutica-dialética é bastante produtiva para fundamentar as avaliações qualitativas. Ela constitui a projeção de um caminho de pensamento, não se aferrando a nenhuma técnica específica” (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO; SANTOS, 2005).

Paul Ricoeur destaca a importância da interpretação hermenêutica e da dialética da compreensão para a interpretação de textos e para a explicação de elementos socioculturais que emergem da linguagem humana, como o mito, o símbolo e o signo.

Este autor busca a filosofia reflexiva para compreender e explicar as relações humanas (RICOEUR, 2009).

Além disso, para a compreensão total dos símbolos e significados da escrita é necessário um distanciamento do autor, do discurso e do contexto. Contudo, após esse distanciamento, a apropriação do conteúdo da fala faz-se necessário, pois, a partir desse momento, o autor torna-se familiarizado com o contexto do interlocutor. Neste momento cria-se uma ponte entre a hermenêutica e a dialética (RICOEUR, 2009).

A antropologia interpretativa é fundamentada na relação do sujeito com a cultura e ressalta “a necessidade de interpretar como outro constitui construções simbólicas representativas da dimensão moral da sociedade, a partir do ponto de vista dos próprios informantes...” (TRINDADE; SOUZA, 2010).

Observando esse ponto de vista, é essencial o conhecimento da realidade social das marisqueiras e seus modos de agir e pensar como trabalhadora desse ambiente singular. Os símbolos que elas constroem sobre os riscos no ambiente natural diferem de qualquer outro ser social, pois elas estão inseridas nesse contexto historicamente construído.

O uso da técnica de observação participante foi importante por ser uma técnica que permite ao pesquisador se inserir no grupo específico e fazer parte dele por longos períodos, unindo o objeto de estudo ao contexto, favorecendo, dessa forma, a interação social com os sujeitos. Segundo Queiroz, Vall et al. (2007) essa “é compreendida como exercício de conhecimento de uma parte com o todo e vice-versa que produz linguagem, cultura, regras e assim o efeito é ao mesmo tempo a causa.”

A apreensão de sentidos, significados e símbolos foi realizada através do método de interpretação de sentidos (análise qualitativa). Para Ricoeur (2009, p. 65), a interpretação do texto nada mais é que uma tentativa “de tornar produtivas a alienação e a distanciação”. Isso remete ao entendimento dos elementos culturais inerentes no contexto da fala (para além da alienação).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As marisqueiras de Salinas da Margarida vivem principalmente da venda de mariscos (chumbinho). Algumas, além de mariscarem trabalham em outros serviços, como limpeza e educação, e na sua maioria provêm o sustento da casa, sobrevivendo da mariscagem. São “guerreiras”, como elas relataram em entrevista, pois além de cuidarem de suas famílias, dos serviços domésticos, são também marisqueiras.

Nesta população estudada não há muita diferença de renda entre elas, construíram suas casas (todas de alvenaria) a partir do seu trabalho de mariscagem e do seguro defeso (auxílio disponibilizado pelo governo).

Em Salinas da Margarida é visível que a cultura tradicional de mariscagem sofreu mudanças a partir do surgimento de novas possibilidades de trabalho e estudo. Não se vê na maré a presença de famílias inteiras, o que se vê são somente mulheres maduras, suas filhas ou filhos não estão mais presentes na maré, não fazem mais parte do ciclo tradicional e histórico da pescaria artesanal. A nova geração não deseja mais mariscar na maré, estão tomando novos caminhos. E essa mudança, pode ser negativa para a perpetuação dessa cultura milenar. Pode ser que essa atividade deixe de existir.

O objeto de estudo (significados dos riscos geniturinários) abrangeu significações, a partir das falas das marisqueiras, sobre os riscos contidos em seu ambiente de trabalho. O risco faz parte discussões interdisciplinares e pode abranger significados diversos. Nesse artigo seu sentido emerge do contexto sócio antropológico, visto que, o conceito epidemiológico não abrangeria os significados dados pelas marisqueiras de forma completa e abrangente.

Tendo em vista os aspectos anteriores, observando o contexto sócio antropológico, é necessário voltar o pensamento para a construção do risco no século XXI; os riscos produzidos pelo crescimento industrial e pela mudança do comportamento social. Fala-se do risco não ponderável e invisível aos olhos menos atentos; riscos que ingerimos, inalamos, mas que não podemos definir suas consequências. Os riscos se tornaram universais, tomando proporções catastróficas, fruto da própria atividade humana (BECK, 2010).

A natureza, a qual a marisqueira estava acostumada, sem poluição, estar cada vez ficando raro, o que se vê, são esgotos desembocando em mangues, lixos jogados nas marés. A industrialização também apareceu aqui, reduzindo as áreas de mangue e

matando os frutos de trabalho das marisqueiras. O ambiente de mariscagem se tornou cheio de riscos; ambientais e para a saúde dessas trabalhadoras.

Pessupomos neste estudo de que existem fatores relacionados ao trabalho de mariscagem que afetam a saúde vaginal das marisqueiras; e pretende saber qual o significados que as marisqueiras tem sobre os riscos geniturinários em seu trabalho.

Esse estudo tem como eixos temáticos: 1. Trabalho em ambiente úmido: frieza e quentura no cotidiano das marés; 2. Significado da vagina e “problemas de mulher”; 3. Riscos geniturinários no trabalho de mariscagem.

## **1 Trabalho em ambiente úmido: “frieza” e “quentura” no cotidiano das marés**

As Marisqueiras trabalham catando mariscos em manguezais e na praia, que são lugares de alagadiço, com árvores de raízes protuberantes. A jornada de trabalho diária varia de 10 a 14 horas, sendo seis horas de mariscagem, conforme o período da maré baixa, e mais seis a oito horas para o deslocamento até a área de coleta do marisco, limpeza, pré-cozimento e armazenamento do marisco. Trabalham geralmente toda semana incluindo o domingo, com exceção do período da tarde, que é o período de descanso, e de alguns feriados religiosos. Os instrumentos utilizados no processo de trabalho são: faca ou facão (para a retirada do marisco), colher de pau ou alumínio (para cavar à procura do marisco), panela de alumínio e/ou lata (armazenamento temporário), e balde (transporte) (PENA; FREITAS, 2014). Esse processo longo de trabalho de mariscagem é descrito através da fala:

Na mariscagem , eu chego com um baldinho, como é que chama? Um balainho, que a gente manda fazer aqui, com o cavador...ai vai chego a gente vai mariscando, ai vai botando, vai pro rio e despejando no balaio e volta de novo, até encher o balainho, quando enche a gente vem embora. Ai chega em casa toma um banhozinho, descansa, almoça, ai quando é no outro dia a gente retorna de novo, quando tiver lenha, a gente vai pra lenha[...] (Carol, 44 anos).

O processo de trabalho realizado pelas marisqueiras não se resume a simples coleta de marisco, existe uma dimensão subjetiva que permeia o ambiente natural carregado de expressividade simbólica, aspectos sociais e antropológicos que são essenciais para a construção de sua identidade histórica (PENA; FREITAS, 2014).

Essa dimensão é corroborada por Gomes (2012, p.23) ao afirmar que,

Cada uma dessas sociedades corresponde a uma tradição cultural situado no tempo e no espaço, como uma trama complexa de relações

que resulta na produção histórica da população das águas. É interessante ressaltar o conceito de cultura aqui empregado.

Todo o conhecimento adquirido no processo de mariscagem; ciclos da maré e da lua, estações do ano, variações climáticas, formas de coleta, cozimento, fazem parte do conhecimento popular e tradicional dessa comunidade pesqueira. A inter-relação entre cada marisqueira e seu ambiente de trabalho é permeado de subjetividade. O ambiente não é visto da mesma maneira por todas elas, apesar de fazer parte de uma cultura comum e milenar.

As expressões que mais observamos nas falas das marisqueiras são: dor, sofrimento e cansaço. Embora descrevam que o processo de trabalho provoca dores e produz doenças. Mas, apesar disso, relatam que é um trabalho necessário para o sustento da família e para a sua sobrevivência, como descrito nos textos abaixo:

Mariscagem... é assim...é duro...pq assim como vc falou tem dor de coluna. Eu marisco a um certo tempo, eu sinto muita dor de coluna. Amanhã mesmo vou fazer a mariscagem. Ai quando chega no sábado fico com dor nas pernas, nas articulações, tudo doendo. Ai quando for no domingo, ai vou de novo, está tudo doendo de novo, coluna dói demais e sempre falo com as meninas que estou sentindo a coluna, e assim, é um trabalho árduo, cansativo. Não é um trabalho muito bom não, porque é o sofrimento, eu acho assim que tem gente que sobrevive disso e não sente nada (Aline, 41 anos).

“Mas é um meio de sustento que a gente tem, para a gente sobreviver aqui” (Elisa, 38 anos).

Vemos com clareza que as marisqueiras são objetivas ao relacionarem a sobrevivência a aquisição do alimento; a compra do alimento através do ganho do seu trabalho. Essa característica remete ao tipo de sociedade tradicional, artesanal ao qual elas fazem parte e de viverem do seu trabalho artesanal, da catação e venda do marisco, e do consumo do que mariscam.

Com o trabalho de mariscagem, surgem as consequências do processo de trabalho com as doenças ocupacionais, presentes na forma como exercem a profissão. Dentre essas, destaca-se a LER/DORT, dermatoses ocupacionais, patologias da coluna, lesões traumáticas e ferimentos (PENA; MARTINS, 2014).

Os riscos decorrentes do trabalho das marisqueiras são vivenciados por elas como parte do processo laboral. Elas identificam esses riscos, como “perigo” e como algo que prejudicam sua saúde. Esses riscos são evidentes e fazem parte do contexto do seu

ambiente de trabalho. Um exemplo desses riscos referem-se aos aspectos climáticos, sendo estes fatores determinantes no trabalho de mariscagem, visto que, as marisqueiras trabalham em ambientes ao ar livre. O sol, a chuva, e todas as adversidades climáticas influenciam no seu trabalho, e são observados por elas como fatores causadores de doença, “mexe com tudo”, de acordo com os trechos abaixo:

“Eu acho, a frieza demais, né?, para gente, em todos os sintomas né?, na vagina, nas pernas, na coluna, porque ele mexe com tudo, mexe com tudo nosso. A frieza, gripe...” (Elisa, 38 anos).

“É desse jeito mesmo. Tem que trabalhar mesmo, pra não dar para pião. Que a água é fria, mas não tem jeito mesmo, tem que trabalhar com a água fria.” (Monalisa, 65 anos).

“...com absorvente molhado na vagina, de água salgada, desde sete horas no corpo.(umidade/água salgada)” (Quely, 30 anos).

A umidade é um dos fatores que pode trazer riscos para a saúde da marisqueira, pois se sabe que o aumento da umidade na região vaginal pode colaborar com o aumento de infecções ginecológicas (vulvovaginites) e urinárias. Essa relação entre umidade e infecções ginecológicas já é muito bem descrita na literatura científica. Diversos autores descrevem a umidade como um fator importante para o desencadeamento de processos inflamatórios e infecciosos, tanto ginecológicas quanto urinárias, pois, a principal consequência do aumento da umidade é a mudança do pH vaginal (elevação). As infecções vaginais são caracterizadas por corrimento vaginal, prurido ou odor. As doenças mais frequentemente associadas ao corrimento vaginal são a vaginose bacteriana, a candidíase e a tricomoníase (GOMES; FRUTUOSO et al., 2012). A infecção urinária é decorrente do acometimento do trato urinário por bactérias, podendo ser classificada em alta (pielonefrite) ou baixa (cistite). Geralmente está associada à disúria, polaciúria, urgência miccional, hematúria e piúria. As bactérias mais frequentes são: *Escherichia coli*, gram negativas e gram positivas. Pode, também, ser causada por fungos e vírus. (RORIZ-FILHO; VILAR, 2010).

Segundo Pena, Freitas et al. (2011, p. 3387), o ambiente de trabalho das marisqueiras “são sempre úmidos e completamente diferentes quando se consideram as características do manguezal”. Embora seja comum longas jornadas parcialmente imersas em praias e estuários contaminados, “não há registro de doenças decorrentes da imersão

cotidiana na lama do manguezal nos serviços médicos das regiões pesqueiras” (PENA; MARTINS, 2014, p. 119).

As afecções ginecológicas, segundo as marisqueiras, não somente estão relacionadas a umidade, como também a temperatura. A umidade é um fator importante que influencia na saúde dessas marisqueiras, e a relação que elas fazem entre doença e umidade, tem outros significados. Emergem, assim, expressões significantes de “frieza” e “quentura” como explicação para sintomas das doenças, não somente as ginecológicas. Esta variação entre frieza e quentura pode ser explicada através da exposição dessas marisqueiras a mudanças climáticas e variações de temperatura, verão e inverno, já que elas trabalham na natureza.

Alguns estudos demonstram a relação entre temperatura (clima) com aumento na frequência de afecções ginecológicas. Segundo Silva, Daldati-Granja et al. (2010) existem fatores predisponentes para infecções vulvares, como o clima tropical, condições locais de umidade, falta de arejamento vulvar, uso de roupas sintéticas, roupas justas e outras.

No contexto do trabalho, a umidade pode ser caracterizada como risco ocupacional. Para estes trabalhadores, existe prevenção para raios solares, porém não se tem como evitar a umidade proveniente do ambiente de trabalho (maré e mangue). Medidas como diminuição no tempo de exposição não são eficazes, visto que, elas dependem da produtividade; quanto mais catarem o marisco, mais dinheiro ganharão.

De acordo com a Norma Regulamentadora 15 (NR15), para os trabalhadores assalariados regidos pela CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), a umidade se configura como um risco físico. Medidas de proteção do trabalhador exposto e de prevenção, como o uso de equipamentos de proteção individual, devem ser aplicados, além de ser necessário controle médico e monitoramento biológico. Essas medidas tem ampla aplicabilidade em espaços industriais, porém, no meio ambiente em que as Marisqueiras trabalham não há esse cuidado. Não existem serviços de saúde especializados que focam na prevenção e proteção de trabalhadoras da pesca e marisqueiras (BRASIL, 1978).

A mariscagem exige constante deslocamento em meio arenoso e em manguezais, e a posição mais comum é a flexão dorsal. Elas permanecem em pé por mais de cinco horas, cavando a areia para encontrar o marisco, e não há contato da região urogenital com o chão da maré. Esse é o cuidado que elas frequentemente relatam quando estão mariscando, podendo refletir a cultura tradicional, onde os costumes são passados de

mães para filhas (modo de vida apreendido e transmitido para outras gerações). Quando questionadas sobre essa posição, elas relatam que é a melhor posição para a mariscagem, conseguem dessa forma, catar mais mariscos. “Minha mãe me ensinou, desde pequena minha mãe me ensinou, minha mãe sempre foi uma mariscadeira, graças a Deus, e meu pai sempre foi pescador” (Carol, 44 anos).

Os hábitos presentes no processo de trabalho da mariscagem são herdados de geração a geração. E isso também pode ser identificado nos tipos de roupas que as marisqueiras usam para trabalhar. Segundo observações de campo, as marisqueiras se vestem com roupas que dificultam a transpiração na região vaginal (tecido sintético) e, além disso, apresentam comportamentos que facilitam essas infecções, como por exemplo, o ato de urinar na própria roupa e não se lavar depois. Este hábito é consequência de uma jornada de trabalho exaustiva.

Para algumas marisqueiras, o tipo de vestimentas tem influência na sua saúde (calor/queimadura entre as pernas):

“Tecido mole, algodão. A gente tem que ir com essa roupa ai, porque se a gente for com uma roupa assim (plástico)[...] tem muita gente na maré que fica abafada, tem gente que veste bermuda, a perna cola, ai fica com problema” (Carol, 44 anos).

De acordo com Bardin, Giraldo, Pinto et al. (2013), o tipo de vestimenta contribui com o aumento da umidade na região vaginal, visto que, roupas íntimas de material elástico e o uso frequente de calças justas impedem a transpiração adequada da região vaginal, provocando desequilíbrio da flora vaginal e consequentemente vulvovaginites. A oclusão da região vaginal (impedindo a ventilação nessa região) causada por absorventes higiênicos influencia diretamente no equilíbrio da temperatura e do pH vulvar.

Atualmente, as tradicionais saias e vestidos foram substituídos por calças jeans, assim como as calcinhas de algodão cederam lugar aos tecidos sintéticos, comprometendo a ventilação dos genitais externos, problema que se agrava pelo uso adicional de meias-calças, entre outros. Assim como os absorventes, a vestimenta pode promover alteração da flora microbiana do genital devido à umidade e à variação da temperatura, alterando o ecossistema genital e causando irritação, alergia ou corrimento indesejável. Essas alterações podem interferir na sexualidade feminina.(GIRALDO et al., 2013)

Existe também a necessidade de proteção do corpo por causa da exposição ao sol. Duas marisqueiras enfatizam o uso de capote ou outras roupas de manga comprida.

“Bermuda jeans e, geralmente, uma camisa de homem para ajudar a esconder o sol. Eu uso protetor, mas ainda assim queima” (Quely, 30 anos).

O processo de trabalho das marisqueiras remete a momentos de cansaço e adoecimento, mas não perde seu significado como fonte de sobrevivência. As variações climáticas e as mudanças de temperatura do ambiente influenciam em sua percepção de adoecimento, como dizem “frieza” e “quentura”, e são fatores determinantes nas doenças geniturinárias. E, apesar de não perceberem a importância das vestimentas de trabalho, isso pode aumentar o risco de doenças geniturinárias e o seu uso adequadamente é uma questão fundamental para a prevenção e controle de doenças ginecológicas e urinárias.

As condições de trabalho que essas marisqueiras estão expostas (a exposição a umidade e a variações de temperatura), e as queixas ginecológicas relatadas por elas em forma de “quentura” e “frieza”, podem constituir umnexo de adoecimento relacionado ao trabalho. Entretanto, apesar de ser uma hipótese reconhecidamente importante, são necessários mais estudos epidemiológicos para o estabelecimento definitivo de causalidade entre esse tipo de patologia ginecológica e o trabalho.

## **2 Significado da vagina e “problemas de mulher” na sua relação com a maré**

As marisqueiras estão expostas constantemente a riscos geniturinários em seu ambiente de trabalho, seja através do contato direto da vagina com a água da maré ou seja pelo contato indireto através da umidade do ambiente. Nesta perspectiva, a vagina e “seus problemas” ganham uma significação nesse contexto de trabalho.

A vagina, assim como outras partes do corpo, tem sua representação subjetiva e simbólica na sociedade. Como parte do simbolismo social, a vagina e seus significados têm variado de épocas em épocas, acompanhando as mudanças nos papéis de gênero e na emancipação sexual da mulher. Essa interligação da cultura com o corpo perpassa pelas mitologias, como a “vagina dentada”, muito conhecida no México, que deslocou a imagem simbólica da vagina dentada para a erupção do Vulcão Chichonal em 1982. (BÁEZ-JORGE, 2010). Essa lenda da “vagina dentada” percorreu muitos países da América Central e do Sul. No Amazonas, o mito é de que existiam mulheres que possuíam dentes na vagina que devoravam os genitais dos homens, chegando a matá-los.

Em cada país existem significantes diferenciados sobre esse mito, o que revela que a cultura agrega diferentes significados em cada região particular (ARIAS

SÁNCHEZ, 2014). O mito também está presente no contexto do trabalho das marisqueiras quando relatam que a lama percorre suas entranhas e atinge o útero, provocando doenças (GOMES, 2012).

O conceito de vagina sofreu várias transformações ao longo da história, mas sempre esteve ligada a mudanças socioantropológicas. Ela era simbolicamente vista como um tipo de amuleto de proteção. Em diferentes momentos históricos, principalmente na Europa (1080-1250), a imagem vulvar estava presente nos arcos anteriores de templos religiosos, e servia para espantar os males. Até o século XX, as mulheres de antigas aldeias, suspendiam suas saias como símbolo de proteção para seus maridos que viajavam. Existiam deusas vaginais em diversas mitologias, que representavam a fertilidade, onde “a mulher era fonte de tudo” (BLACKLEDGE, 2004).

A vagina adquiriu significado vulgarizado e isso deveu-se a partir da atitude de um vigário chamado Kilpeck frente as imagens vulvares no arco de uma igreja. Isso, talvez seja a primeira evidencia de uma tendência a essa vulgarização. Ele ordenou que desfigurasse todas as imagens do arco (BLACKLEDGE, 2004).

Esse estigma pode explicar o fato de que durante as entrevistas, quando solicitadas a falar sobre riscos para a vagina no trabalho úmido, muitas marisqueiras se recusaram a responder ou silenciaram (07). Isso pode ser reflexo da construção sociocultural preconceituosa sobre o significado desse órgão. Entre risos, algumas demonstraram um conhecimento sobre o que é a vagina e o que ela representa para o corpo:

“É uma coisa bem delicada ne? E muito fácil de transmitir doença ne? Acho isso? Representa coisa boa. Pra mim representa coisa boa. Uma coisa que faço meu xixi....Uma coisa que tem que ter mesmo. O ser humano tem que ter” (Iana, 64 anos).

“Uma parte sensível do qual a gente tem que ter cuidado. Para mim a vagina é que nem meus olhos. Mesmo cuidado que tenho com eles, eu tenho com a vagina” (Quely, 30 anos).

“Mas é um órgão importante porque a gente tem nossos filhos através da vagina, a gente engravida, tudo isso, e é um órgão tão importante quanto o corpo da gente” (Lana, 53 anos).

Apesar da vulgarização da vagina, vista nos tempos modernos, as marisqueiras associam o significado da vagina a importância fisiológica desse órgão. Assim como a importância dessa parte do corpo para a reprodução. “Por uma questão anatômica,

sociocultural, econômica e sexual, o bem-estar do genital feminino tem sido negligenciado” (GIRALDO et al., 2013).

A vagina, assim como qualquer outro órgão, está sujeita a doenças, que podem surgir com mais frequência em populações mais expostas a riscos, como a umidade. Sendo assim, as marisqueiras estão sujeitas e mais vulneráveis a problemas geniturinário devido ao exercício do seu trabalho.

Tendo isso em vista elas relatam corrimento vaginal e dor pélvica, e que esses sintomas estão associados a posição de mariscagem, ao clima, a “frieza” e a “quentura”.

(me interrompeu, antes de terminar a pergunta), muita coceira, o xixi arde. Tem (corrimento), tudo isso tem. Tem hora também que tá catando marisco dar aquela dor né? Tem hora que a gente tem que levantar para fazer xixi... Eu acho que é mais porque da frieza, frieza da lida... geralmente a gente é aberta por baixo. E tem dias que a gente fica agachada (Elisa, 38 anos)

“Corrimento eu tive por causa da quentura” (Aline, 41 anos).

As queixas dos sintomas podem variar a depender da cultura e dos significados do corpo para as marisqueiras. Essa construção depende da interação do ser com o adoecimento e com a dor. Há diversas explicações que remetem a modelos explicativos do processo saúde, doença e cuidado, como por exemplo, o modelo mágico-religioso, onde o adoecimento pode estar ligado às entidades malignas espirituais; o modelo holístico defende que o adoecimento é causado por desequilíbrio do corpo. (SABROZA, 2004)

A “frieza” não é muito citada por essas marisqueiras, mas está muito ligada a adversidades climáticas enfrentadas no cotidiano do trabalho, como chuva e clima frio, e também com a temperatura da água do mar. “É assim que a gente pisa o pé no mar, que entra... a gente sente logo a frieza nos peito” (Elisa, 38 anos).

A “quentura”, também segue o mesmo sentido que a “frieza”, mas as marisqueiras atribuem as infecções ou inflamações a quentura, e isso tem uma explicação científica. Mulheres de países com climas tropicais tem mais risco de ter vulvovaginites, por causa da temperatura e aumento da transpiração (umidade) da região vaginal (GIRALDO et al., 2013).

“O que eu sinto acho que é normal, de mulher” (Úrsula, 45 anos). Essa fala remete a naturalização dos sintomas de doenças geniturinárias, que são tratadas como “normais”. A naturalização seja dos riscos no ambiente de trabalho, seja dos sintomas do adoecimento, são gerados pela relação dos significados pré-existentes e das experiências

simbólicas de cada indivíduo, advindos da sociabilidade. Para Sarti (2001, p.4) “dialeticamente, os indivíduos só constroem o significado de suas experiências, mediante as referências coletivas”. Essa naturalização pode ser explicada pela falta assistência em saúde; na falta de educação em saúde, e da discussão sobre DST e doenças genitourinárias, dentre outras, que deem ferramentas às mulheres para se autocuidarem.

No contexto do trabalho (meio onde também acontece a socialidade), as representações de riscos acontecem a partir da construção da identidade e da subjetividade presente nesse ambiente. Os conhecimentos sobre os riscos no trabalho e seus significados constroem um saber específico sobre cada risco presente no ambiente de trabalho (RANGEL,1993).

A forma que elas usam para identificar os “problemas de mulher” são compartilhados entre elas, assim como o tratamento com a medicina alternativa (chás), são passadas de geração a geração. Neste contexto, os serviços de saúde adquirem posição secundária nessa rede de relações, ou porque não há adequada assistência a essas marisqueiras ou se habituaram em resolver os problemas genitourinários entre elas.

A partir das falas das marisqueiras é possível identificar o que sabem sobre as afecções ginecológicas, os sintomas e suas causas, mas não relatam especificamente se é por vírus ou bactéria e que tipo. Para elas, inflamação e infecção possuem o mesmo significado. Isso pode ser reflexo da falta de acesso à educação formal e educação em saúde previstas durante atendimento nas Unidades de Atenção Básica.

Então, a vagina, para as marisqueiras, exerce função reprodutiva (ter filhos) e é um assunto tratado entre risos e cochichos, reflexo dos valores culturais da sociedade. E, em relação ao ambiente de trabalho, demonstraram certa estranheza, pois talvez nunca pensaram na exposição e no contato de suas vaginas com a água no trabalho no mangue ou na maré, indicando a naturalização de riscos aos quais são expostas.

### **3 Riscos genitourinários no trabalho no mangue e nas praias**

Existem relatos na literatura sobre os principais riscos que influenciam na saúde da região vaginal, dentre elas o clima tropical (calor), a umidade excessiva, higiene precária, roupas justas, desequilíbrio hormonal, DST. Porém, não se tem descrito sobre os riscos provenientes do contato com o ambiente de trabalho das marisqueiras, que inclui o mangue e as praias.

As marisqueiras, a partir de suas falas, associam as infecções/inflamações vaginais a fatores climáticos e ao peso dos mariscos que elas carregam na cabeça:

“Tem a frieza, o sol, e o peso” (Lana, 56 anos).

“As vezes o pessoal diz que a maré, agua quente, as vezes gosta de dar inflamação. Eu não fico em agua quente. Eu vou para a maré mas não tomo nenhum banho” (Iana, 64 anos).

“O peso... tem muita gente que senta na água, água quente. A quentura do ar, a posição. Eu acho que envolve toda a região vaginal” (Aline, 41 anos).

“Porque é assim, como to mariscando e pego muito sol, eu fico quente por baixo também, muito quente mesmo, eu sinto a quentura, mesmo com roupa” (Zélia, 32 anos).

Quando a maré está enchendo, aquela lama, aquela agua forte assim. Acho que também ali dar um corrimento, bactéria porque a água tá muito suja mesmo. Como a maré tá enchendo, que o pessoal já mariscou ali, senta naquela agua ali, acho que ali[...] (Zélia, 32 anos)

Quando abordadas sobre o contato da região genital com o ambiente de trabalho, muitas delas não souberam responder. No entanto, outras responderam que não entram em contato com a maré, se configurando como uma maneira de protegerem a região vulvar dos riscos ambientais.

“O contato é pouco, vou na praia mas não tomo banho e nem sento na areia” (Iana, 64 anos).

“Não, só as vezes quando tomo banho, nem sempre, mas eu não sento” (Felicia, 54 anos).

Apesar de não haver o contato permanente da região genital com a maré, as marisqueiras relataram que urinam ou defecam no ambiente de trabalho. O comportamento de urinar ou defecar no ambiente natural é destacado no artigo de Pena, Freitas et al. (2011, p. 3388), “muitas vezes as necessidades fisiológicas são realizadas no ambiente natural, típico de áreas isoladas e camponesas”.

“Faz dentro da maré, toma banho, urina, e volta toda molhada. Porque chega em casa toma banho de agua doce” (Norma, 55 anos).

(risos) Na mare mesmo, dentro da mare mesmo... Eu faço logo de manhã antes de eu ir. Já acostumei meu intestino de manhã naquele horário. Acordo cinco horas da manhã, boto café, boto a roupa de molho, ai tomo meu café, ai dar logo a dor, ai eu vou pronto, ai vou para

a maré. Hoje mesmo fui cinco e meia. Abaixo para fazer xixi e pronto. As vezes pega a folha do mangue e passa. Mas xixi não. (Iana, 64 anos)

Sabe-se que as infecções gênitó-urinárias estão ligadas a fatores biológico, ambientais (clima) e comportamentais. A mudança do pH vaginal e, consecutivamente, proliferação microbiana pode ser consequência de mudanças hormonais e pela umidade excessiva na região vaginal. Condições higiênicas precárias são fatores desencadeantes de processos inflamatórios e infecciosos vaginais. A limpeza da região vaginal de forma adequada com papel ou pano limpos são importantes para a saúde da vagina. Assim como, a lavagem com água corrente é uma medida importante para a prevenção de doenças ginecológicas (GIRALDO et al., 2013).

Como visto acima, as condições do trabalho de mariscagem (trabalho realizado em ambiente natural) são importantes fatores que podem dificultar a adequada higienização da região vaginal.

Os fatores ambientais, como a poluição de mangues e de costas litorâneas, podem influenciar negativamente nas condições higiênicas dessas populações aumentando mais ainda a contaminação e o adoecimento.

Segundo a Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde, “os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população” (BUSS, 2007) As precárias condições higiênicas que atingem a região gênitó-urinária condicionam riscos ocupacionais, e pode ser considerado como determinante social da saúde, visto que, para essa população, não houve acesso à educação formal e a assistência básica de saúde de qualidade.

Não somente a higiene da região vulvar deve ser um hábito, como também tentar mantê-la seca e arejada, são fatores protetivos para a saúde de dessa região. As marisqueiras tem costume de urinar em seu ambiente de trabalho e acabam ficando molhadas com urina em longos períodos de tempo, o que pode favorecer a mudança de pH da região vaginal. Não se sabe ao certo quais são os tipos de infecção encontradas nas marisqueiras, pois elas não sabem relatar ao certo o diagnóstico.

... Atenção especial deve ser dada aos hábitos relacionados ao cuidado com o genital feminino no intuito de diminuir a possibilidade de infecções, evitando tratamentos repetitivos e sem resultados satisfatórios. Roupas apertadas usadas por longos períodos devem dificultar a oxigenação tecidual pela isquemia que causam (GIRALDO et al., 2013).

O riso, assim como, diminuição da volume da fala são muito comuns nas entrevistas das marisqueiras, demonstrando que há um traço cultural onde não se fala da vagina e nem de sua saúde. Além disso, o não uso de camisinha em relações sexuais é prática comum entre essas marisqueiras, o que pode também favorecer a contaminação por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Sendo assim, apesar das afecções ginecológicas estarem relacionadas ao ambiente de trabalho, segundo o relato delas, existe a influência das DSTs nesse contexto, tendo em vista o não uso do preservativo nas relações sexuais. Contudo, a umidade e a temperatura elevada prolongam ainda mais o tempo de tratamento dessas doenças e sua repetição.

Há várias explicações causais de adoecimento que contextualizam a explicação das marisqueiras sobre as doenças geniturinárias. As relações que elas fazem com os riscos do ambiente de trabalho e as doenças geniturinárias tem sentido do ponto de vista dos seu significados. As principais causas que elas atribuem para as doenças geniturinárias está na “frieza”, na “quentura” (relação com verão e inverno, sol e chuvas), no peso do marisco carregado na cabeça e a umidade (relacionada com a roupa de trabalho e comportamentos individuais). A partir desses riscos elas constroem atitudes de proteção que são passadas entre gerações, como não se molhar na maré, se proteger das chuvas com lona plástica e se tomar banho quando retornam da maré. Assim como, usam medicina alternativa (chás e banhos de assento) para a resolução de doenças geniturinárias. Conforme, trecho abaixo:

Já, sempre a gente temos infecção. Eu mesmo tomo um bocado de chá, né? [...] um bocado de folha. Tomam chá (as amigas). Aí ficam perguntando. Ai a gente vamos ensinando. Toma isso... toma isso. Aí até quando ficam boa. O chá me milho alpiste, tem umas que se dão muito bem (Elisa, 38 anos).

Chá de barbatimão. Isso ai não é pra beber, é ginecológico, aroeira, cabeça de formiga, tanto bebe, como para fazer o banho. Tem mãe boa, tem alfazema branca, que a gente usa, malva, eu gosto muito de um ... língua de teiú, que parece com a língua mesmo de teiú, o nome que a gente conhece aqui é ele. Ele é ótimo, é bater casca, pra pessoa tomar. Quando a pessoa sente assim peso, quando acha que ta com inflamação [...] (Lana, 53 anos).

Alguns modelos explicativos de doenças se encaixam no contexto de mariscagem, como o modelo biomédico e cultural. Segue quadro explicativo:

Quadro 1 - Apresentação dos modelos explicativos para as doenças geniturinárias nas marisqueiras.

	<b>Modelo biomédico</b>	<b>Modelo explicativo cultural</b>
<b>ETIOLOGIA</b>	<p>Biológica (bactérias, fungos etc)</p> <p>Umidade</p> <p>Agentes no contexto dos determinantes sociais do trabalho; Precárias condições socioeconômicas</p>	<p>Natural: clima frio e quente se reflete no corpo, vem de foral como uma variante que gera “frieza” e “quentura”</p>
<b>PREVENÇÃO</b>	<p>Assistência à saúde;</p> <p>Mudança nas condições de trabalho</p>	<p>Posição de mariscagem: Tronco semi-fletido. Não há contato com o chão (maré ou mangue)</p>
<b>TRATAMENTO</b>	<p>Halopatia</p>	<p>Chás e banhos de assento</p>

Nota: Esse quadro foi elaborado a partir de definições do artigo de Pillon e Luis (2004).

Estes modelos explicativos servem para auxiliar nas interpretações dos problemas de saúde, e são importantes para a definição de estratégias de saúde mais eficientes. Assim como, na melhor delimitação dos problemas de saúde.

O modelo de explicativo cultural visa analisar o contexto sócio-cultural das marisqueiras e cria uma rede de significados das doenças geniturinárias, demonstrando um importante aspecto, que é naturalização dos riscos e da própria doença, que passa a ser “problemas de mulher”, algo natural. E, para a cura desses problema usa-se o mecanismo tradicional de chá, porque esse conhecimento foi passado de mãe para filha (PILLON;LUIS, 2004).

Como visto, existem vários fatores que são determinantes para os problemas geniturinários, e o comportamento individual se mostrou um fator predisponente a doenças geniturinárias. Além disso, o contato das marisqueiras com o mangue ou a praia não se mostrou como fator de risco para as marisqueiras de Salinas da Margarida, pois elas mariscam na posição em pé com o tronco fletido.

## CONCLUSÕES

Este estudo revelou muitos aspectos importantes no processo de trabalho das marisqueiras pouco conhecidos na literatura científica. Através da observação participante e do diário de campo, observou-se a familiaridade dessas trabalhadoras com o meio úmido que trabalham. Elas passam todos os ciclos de vida em contato com as águas das marés e do mangue, em ambiente natural, muitas vezes contaminado, e o corpo passa a fazer parte desse contexto de trabalho; se adaptam de acordo com as condições climáticas, estações do ano, períodos da lua e outros.

O processo de trabalho (mariscagem) vivenciado por essas marisqueiras trazem problemas de saúde, como doenças articulares, dermatites e de coluna, contudo ainda é sua principal ou única fonte de renda. As doenças geniturinárias são percebidas através das variações de temperatura do ambiente, a “frieza” e a “quentura” são bastante relatados por essas marisqueiras como fatores de risco. As vestimentas de trabalho não são percebidas por elas, como um fator que aumenta a umidade e que pode também favorecer o surgimento de doenças geniturinárias. Entretanto, essa relação já é bem estabelecida na literatura científica.

Percebe-se que há uma ressignificação das causas das doenças geniturinárias, que apesar de não serem conceituada cientificamente, são explicadas de forma popular. O saber popular consegue explicar satisfatoriamente a respeito dessas doenças geniturinárias, e que estas estão ligadas ao trabalho em ambientes de elevada umidade. Contudo parte das doenças ginecológicas presentes nessa comunidade tem relação com as DSTs.

A naturalização dos riscos é observada em suas falas, quando elas definem doenças geniturinárias como “problemas de mulher”. Esses são compartilhados por elas através da conversa, assim como o tratamento à base de chás, culturalmente passados de geração a geração.

As infecções geniturinárias em Marisqueiras e sua relação com o trabalho, ainda não é estabelecido na literatura. O Ministério da Saúde considera, em seu capítulo 19, as doenças geniturinárias relacionadas ao trabalho, como sendo aquelas que podem acometer os rins e o trato urinário, e não faz menção a doenças ginecológicas. Neste capítulo, está incluso a cistite aguda, mas exclui a causa infecciosa, considerando, apenas, como causa o contato com as aminas aromáticas e seus derivados (BRASIL, 2001). O resultado dessa pesquisa aponta para a necessidade de realização de estudos

epidemiológicos relacionados ao trabalho em ambientes úmidos ou naturais que possam comprovar uma relação causal entre doenças geniturinárias e trabalho de mariscagem.

Diante disso, é necessário, que haja uma maior atenção para os aspectos ginecológicos e urinário, e sua relação com o trabalho em ambientes úmidos e com temperatura elevada, já que esses fatores contribuem para a infecção geniturinária em marisqueiras.

## REFERÊNCIAS

ARIAS SÁNCHEZ, R. E. **Mitos y arte**: el caso de la vagina dentada Chavín, en Ensayos del Museo Antropológico de la Cultura Andina. Huancayo, Perú, 2014.

BÁEZ-JORGE, F. La vagina dentada em La mitología de Mesoamérica: Itinerario analítico de orientación Lévi-straussiana. **Revista de antropología experimental**, 2010, n. 10(2): 25-33.

BAHIA. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador-CESAT. **Informativo do Cesat**. set/dez 2010, n. 36, p. 1- 6.

BARTON, M.D. Antibiotic use in animal feed and its impact on human health. **Nutrition Research Reviews**, 2000, 13(2):279–299.

BARDIN, M. G.; GIRALDO, P. C.; PINTO, C. L. B. Association of sanitary pads and clothing with vulvovaginitis. **DST- J bras Doenças Sex Transm**, 2013, 25(3):123-127.

BECK, U. **Sociedade de risco**: Rumo a uma outra modernidade. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: ed. 34, 2010, 368p.

BRASIL. Ministério do Trabalho. **Limite de tolerância**. Portaria 3214 de 08 de junho de 1978 -NR 15 - anexo 11. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/ SPPE. Classificação Brasileira de Ocupações: CBO 2002. Brasília: MTE, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações – CBO**. 2012. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloA-Z.jsf> . Acesso em: 07 de jul. 2014.

BLACKLEDGE, C. **A História da V** – Abrindo a Caixa de Pandora. Tradução por: José Manoel Bertolote. São Paulo: Degustar, 2004. 312p.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**, Rio de Janeiro. Apr. 2007, 17(1):77-93. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312007000100006&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 22 mar. 2016.

COMISSÃO Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS). **Carta aberta aos candidatos à Presidência da República**. Setembro de 2006. Disponível em: [www.determinantes.fiocruz.br](http://www.determinantes.fiocruz.br) . Acesso em: 20 mar. 2016.

FREITAS, M.C.S. Manguezal: um lugar sagrado e ameaçado pela contaminação em Ilha de Maré. In: PENA, Paulo G.L.; MARTINS, Vera L. A. **Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais**. Brasil: EDUFBA, 2014, p. 157-177.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, 323p.

GIRALDO, P. C. et al . Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, sep. 2013, 35(9): 401-406. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-72032013000900004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032013000900004&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 22 dez. 2016

GOMES, R. C.. A vida no vai-e-vem das águas: mulheres marisqueiras de Salinas da Margarida, trabalho, cultura e meio ambiente (1960-1990). 146 fls. Dissertação [mestrado] - Universidade do Estado da Bahia, Programa de pós-graduação em História Regional e Local, 2009.

GOMES, R.; SOUZA, E. R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. ; SOUZA E. R. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 185-221.

GOMES, S.; FRUTUOSO, C. et al. Capítulo 3: Vaginites. Revisão dos consensos em infecções Vulvovaginais, 2012. **Sociedade Portuguesa de Ginecologia**. Hotel Vila Galé 24 a 26 março de 2012. Disponível em: [http://www.spginecologia.pt/uploads/revisao\\_dos\\_consensos\\_em\\_infecoes\\_vulgovaginas.pdf](http://www.spginecologia.pt/uploads/revisao_dos_consensos_em_infecoes_vulgovaginas.pdf) . Acesso em: 22 dez. 2014.

HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. Anel Rose Bolner (tradução). 5. ed. Porto Alegre: Artemed, 2009, 432p.

MINAYO, M. C. S et al. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. ; SOUZA E. R. (org.). **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 71-105.

PENA, P.G.L.; FREITAS, M.C. S. Condições de trabalho da pesca artesanal de mariscos e riscos para LER/DORT em uma comunidade pesqueira da Ilha de Maré, BA. In: PENA, Paulo G.L.; MARTINS, Vera L. A. **Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais**. Brasil: EDUFBA, 2014, p.53-91.

\_\_\_\_\_. Riscos de doenças do trabalho relacionadas as atividades de pesca artesanal e medidas preventivas. In: \_\_\_\_\_. Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais. Brasil: EDUFBA, 2014, p.93-132.

PENA, P.G.L.; FREITAS, M. C. S. de; CARDIM, A. Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de marisqueiras na Ilha de Maré, Bahia. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , Aug. 2011, 16(8): 3383-3392. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011000900005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000900005&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 23 dez. 2014.

PENA, P.G.L.; MARTINS, V.; REGO, R. F.. Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo. Jun. 2013, 38(127): 57-68. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572013000100009&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 23 Dez. 2014.

PILLON, S.C.; LUIS, M.A.V. Modelos explicativos para o uso de álcool e drogas e a prática da enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem** julho-agosto; 12(4):676-82, 2004.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área de saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, abr/jun 2007, 15(2):276-83.

RANGEL, M. L. Saúde do Trabalhador — Identidade dos Sujeitos e Representações dos Riscos a Saúde na Indústria Petroquímica. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, jul/set, 1993, 9 (3): 333-348.

RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. ed. 70. Lisboa: Edições 70, 2009, 136p.

RORIZ-FILHO, J.S.; VILAR, F.C.; MOTA, L.M. et al. Infecção do Trato Urinário. Simpósio: **Condutas em enfermagem de clínica médica de hospital de média complexidade** - Parte 1. Capítulo III. Medicina (Ribeirão Preto); 2010, 43(2): 118-25.

SABROZA, P. C. **Concepções de saúde e doença**. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. 2004. Disponível em: <http://www.abrasco.org.br/UserFiles/File/13%20CNS/SABROZA%20P%20ConcepcoesSaudeDoenca.pdf> . Acesso em: 22 dez. 2014.

SANTIAGO, L., ACCIOLY, M. da C. Trabalho na Lama: Saberes e fazeres de marisqueiras de Garapuá e Barra dos Carvalhos - Ba. I SEC - **Seminário Espaços Costeiros**. IGEO - UFBA. Salvador, 2011

SARTI, C.A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saude soc.**, São Paulo, jul. 2001, 10(1): 3-13. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902001000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902001000100002&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 28 Jan. 2009.

SEVALHO, G.; CASTIEL, L.D. Epidemiologia e Antropologia médica: A possível in(ter)disciplinaridade. In: ALVES, PC., RABELO, MC. (Orgs.). **Antropologia da saúde**: traçando identidade e explorando fronteiras [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1998. 248p.

SILVA, R.O.; DADALTI-GRANJA, P. et al. Conduta na dor e prurido vulvar. **Femina**, 2010, 38(1): 53-57.

SOUZA, A. P. A escrita de diários na formação docente. **Educ rev.**, Belo Horizonte. Mar. 2012, 28(1): 181-210 .

TRINDADE, A.A.M; SOUZA, A.C.G. **Repensando a relação entre saúde e cultura**: Antropologia e Medicina em cena. Texto didático Departamento de medicina Preventiva e Social. Faculdade de Medicina. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

**ARTIGO II**

**POLUIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA: SIGNIFICADOS DE TRABALHADORAS  
EM MANGUES E MARÉS**

Ericka Souza Browne

## **POLUIÇÃO E SOBREVIVÊNCIA: SIGNIFICADOS DAS TRABALHADORAS DOS MANGUES E DA MARÉ**

### **RESUMO**

A poluição dos mares e mangues são fatores modificadores do processo de trabalho das marisqueiras e considerados desencadeantes do processo de desestruturação da cultura regional, favorecendo o adoecimento desse grupo. Trata-se de um estudo qualitativo com abordagem hermenêutica, aproximação da etnografia interpretativa. Para a coleta de informações utilizou-se a entrevista guiado por formulário semi-estruturado e o diário de campo, com objetivo de compreender os significados da poluição do mangue e suas consequências para o trabalho e para a saúde de marisqueiras em Salinas da Margarida-Bahia. Os principais eixos temáticos foram: 1. Ambiente de trabalho: “Tem esgoto, tem tudo, mas ainda não é poluído muito”; 2. Carcinicultura e a mariscagem. Os resultados revelam que as marisqueiras compreendem alguns riscos gerados pela poluição, provenientes da carcinicultura e dos lixos e esgoto jogados no mangue, e das consequências desses para sua saúde e para o ambiente de trabalho, gerando adoecimento e perda do território pesqueiro. Será necessário promover a prática de ações para preservação ambiental, advindos de políticas públicas, da própria comunidade pesqueiras e do controle da ação poluidora da da carcinicultura com o intuito de manter a sustentabilidade ambiental, e a preservação da pesca artesanal.

Palavras-chave: Poluição; marisqueiras; trabalho

## **POLLUTION AND SURVIVAL: MEANING OF WORKERS OF MANGROVE AND WATER**

### **ABSTRACT**

The pollution of the seas and mangroves are modifiers factors of the work process of shellfish collectors and are considered triggers the disintegration process of the regional culture, and furthermore, may favor the illness of these populations. This is a qualitative study with hermeneutic approach with approach of interpretative ethnography . For the collection of information used to semi-structured interviews and field diary, and aimed to understand the meanings of mangrove pollution and its impact on the work and health shellfish collectors in Salinas Margarida- of Bahia The thematics axis were: 1.Work enviromentt: "It's sewage, has everything, but it is still very polluted"; 2. Carciniculture and Shellfish collecting. The results showed that the shellfish collectors knows some risks arising by pollution from shrimp farming and waste and sewage dumped in the mangrove, and that this may have consequences for their health and their work environment, causing illness and loss of fishing territory. It will be need to promote the practice of actions for environmental protection, originating of own fishing community and the big businessmenof shrimp farming to maintain environmental sustainability, and the preservation of traditional fishing.

Key words: Pollution; shellfish collectors; work

## INTRODUÇÃO

O trabalho de mariscagem, que é a extração de crustáceos e mariscos de mangue e na beira do mar, é exercido pelas Marisqueiras ou mariscadeiras de forma artesanal como parte da cultura tradicional de nossa região. Neste processo são utilizados instrumentos adaptados para a catação do marisco, e cada região realiza a mariscagem de forma diferenciada, tanto na maneira de catar o marisco como no tipo de instrumento utilizado (PENA; MARTINS, 2014).

O ambiente de trabalho de onde elas retiram a sua renda é um ambiente natural muito rico em diversidade de animais e coberto de mangue. Esse é composto de matéria orgânica, silte (tipo de solo formado por fragmentos de rochas, tem a consistência entre areia e argila) e argila, e serve de alimento para crustáceos, mariscos, plantas e outros microorganismos, sendo facilmente sujeito as mudanças químicas, o que provoca seu desequilíbrio ecológico. Alves(2001) alerta que a morte desse biosistema pode estar relacionada a produtos químicos jogados nas costas marítimas e/ou pelo excesso de esgotos (resultado das atividades humanas) (ALVES, 2001).

Para as marisqueiras, o mangue é concebido a partir da construção simbólica social, como um ambiente sujo, malcheiroso, feio, onde pode haver a transmissão de doenças e bactérias (OLIVEIRA,1993). Essa visão errônea sobre o mangue pode aumentar a indiferença com relação a saúde desse ambiente e a importância do seu equilíbrio para a sobrevivência dos mariscos e crustáceos ali presentes.

Com o fortalecimento dos princípios capitalistas, a relação homem e/com natureza vem sofrendo mudanças significativas, diante do principal objetivo que é a alta lucratividade sem, para tanto, haver preocupação com os impactos da interferência humana, ou da dita “modernização” no ecossistema natural. A degradação ambiental do mangue é ensejado por essas mudanças, tanto a partir da extração descontrolada quanto da poluição e da devastação dos recursos naturais. Isso tem repercutido no trabalho e no cotidiano das marisqueiras, ao afetar seu meio de subsistência, diminuindo a quantidade de mariscos e crustáceos (VASCONCELOS et al., 2012).

Dentre os crustáceos, o cultivo do camarão é uma das atividades que pode afetar profundamente o manguezal, pois é responsável pela devastação de boa parte desse território, além de provocar a salinização do solo, tornando inviável o crescimento das espécies biológicas do mangue. Essa é uma pratica muito comum na região Nordeste, principalmente no Rio Grande do Norte e no Ceará, e tem resultados de estudos que

demonstram os impactos biológicos, físicos e socioeconômicos desse cultivo para o meio ambiente e para as comunidades que dependem do mangue e do mar para a sobrevivência (TANCREDO et al., 2011). Além do mais, a ação antrópica sobre o meio ambiente pode desequilibrar o ciclo que interliga os rios, oceanos, as florestas costeiras e o mangue (OLIVEIRA,1993).

Esse comportamento em meio ao crescimento do cultivo de camarão, resultou em grande pressão social, e conseqüentemente, discussões sobre a sustentabilidade ambiental dessa atividade, com a finalidade de reduzir os danos socioambientais e regulamentar empresas de acordo com as políticas ambientais.

O conceito de poluição ambiental que foi adotado nesse artigo é o da lei nº 6.938 de 31 de agosto de 1981 (Política Nacional de Meio Ambiente), artigo 3, inciso III, que resumidamente definiu como a degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direta ou indiretamente afetam negativamente os indivíduos, a biota e o meio ambiente (BRASIL,1986).

Pressupomos que a poluição ambiental observada no ambiente de trabalho afeta o processo de trabalho e a saúde das marisqueiras; e pretende saber qual o significados que as marisqueiras tem sobre a poluição ambiental em seu trabalho.

Diante dessas considerações, este artigo tem o objetivo de compreender os significados da poluição do mangue e da maré, e suas conseqüências para o trabalho e para a saúde de marisqueiras em Salinas da Margarida- Bahia.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, centrado na hermenêutica-dialética, com uso de recursos etnográficos na estratégia de coleta de dados e na compreensão dos significados dos sujeitos da pesquisa.

Este artigo pretendeu apreender a concepção de saúde ambiental das marisqueiras conforme a função que exercem na sociedade. Enquanto catadoras de mariscos elas significam o ambiente de trabalho de forma diferente, pois estão imbuídas da cultura tradicional e local em contraposição àqueles que não fazem parte dessa comunidade as quais podem possuir outros significados desse ambiente.

Apesar de viverem inseridas em um contexto artesanal e tradicional, seus meios e modos de produção mudaram com o desenvolvimento da industrialização; pela necessidade do aumento da produtividade e da lucratividade. São trabalhadoras

artesanais, mas precisam trabalhar para atender as suas necessidades atuais; precisam trabalhar para o sistema capitalista. Acontecimentos que fogem do escopo do estudo são considerados manifestações importantes da tradição artesanal, como os mitos e crenças, pode, ser analisados sob a luz de outro eixo teórico.

Nesse contexto, os novos instrumentos surgiram para dar celeridade a esse processo de trabalho, como um meio para o alcance de mais lucros, através do aumento da quantidade de mariscos coletados. O geréré, usado para pegar siri, virou um instrumento novo para as marisqueiras, assim como o uso de bicicletas como auxílio no transporte do marisco para a casa.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o protocolo nº 1.048.110. Todos os aspectos éticos relativos à pesquisa com seres humanos foram respeitados seguindo as diretrizes da Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Foram entrevistadas 15 marisqueiras provenientes de Salinas, Conceição de Salinas e Encarnação no período de julho a agosto de 2016. O primeiro grupo de participantes foram acolhidos a partir de uma reunião realizada em Conceição de Salinas e as outras participantes foram escolhidas aleatoriamente ou por indicação de alguma outra marisqueira. A maior parte delas possui renda exclusiva da mariscagem e somente três trabalham também em outras atividades, como limpeza e educação. São casadas com pescadores da própria região e possuem média de dois filhos.

A aplicação de entrevistas guiado por formulário semiestruturado conteve questões pertinentes ao trabalho, seus significados e poluição ambiental, com duração máxima de 45 minutos e em lugar privado. A adoção da observação participante, através do diário de campo, foi importante para apreensão dos significados contidos nas falas e gestos.

O recrutamento das participantes da pesquisa somente sessou após a saturação de dados, ou seja, quando as falas das participantes não contribuiu mais para o aprofundamento da temática de pesquisa. As gravações das entrevistas foram transcritas e após término, foram novamente revisadas. Em seguida, foram extraídas as principais categorias e eixos temáticos, sendo separadas em uma tabela, contendo as categorias, os eixos temáticos, os principais depoimentos e os significados implícitos e explícitos. A partir disso, ocorreu a articulação de sentidos decorrentes de cada fala e gestos. As categorias pares foram reunidas em um único eixo temático e as outras foram analisadas de acordo com cada significado único.

Toda essa análise e construção se espelhou no método da interpretação de sentidos de Minayo (2005), tendo como aporte teórico principal a interpretação das culturas de Clifford Geertz (2008).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O contexto ambiental e de vida das marisqueiras de Salinas da Margarida está marcado por fortes transformações. Elas vivenciaram duas condições ambientais diversas; o antes da poluição, onde o ambiente de trabalho era livremente acessado e não era poluído, e após a poluição, onde surgiram as lutas pelo território pesqueiro e pela preservação do seu ambiente de trabalho. Paralelamente a isso, houve mudanças na percepção do trabalho artesanal com o advento de novas políticas sociais, como o bolsa família e o seguro defeso, o que possibilitou a elas viverem atualmente em casas de alvenaria, com luz elétrica e muitas relatam que conseguiram melhorar suas vidas a partir dos dois programas sociais.

A estrutura familiar é constituída geralmente pela mulher marisqueira (chefe da casa), marido pescador e filhos estudantes, que em sua maioria não mariscam mais. As marisqueiras trabalham conforme sua necessidade, não vão mais para a maré todos dias, como era de costume. Mariscam com instrumentos de trabalho tradicionais e outros, como colher para cavar, e gereré, em alguns casos tem usado a bicicleta como instrumento agregado com o objetivo de imprimir mais velocidade ao processo de trabalho e para minimizar o peso do marisco, que antes era levado em cima da cabeça.

Frente a essas alterações de hábitos e costumes das marisqueiras, a partir das mudanças ambientais e econômicas, os problemas advindos da industrialização ganham mais visibilidade e atenção por parte delas. Contudo, apesar, da resistências dessas trabalhadoras, os problemas persistem a mais de uma década, devido, em parte, a represálias de grandes empresários sobre a comunidade pesqueiras.

Sendo assim, este trabalho busca desvelar as significações desse ambiente de trabalho poluído, a partir das falas das marisqueiras, tendo como eixos temáticos: 1. Ambiente de trabalho: “Tem esgoto, tem tudo, mas ainda não é poluído muito”; 2. Carcinicultura e a mariscagem.

## 1 Ambiente de trabalho: “Tem esgoto, tem tudo, mas ainda não é poluído muito”

A relação estabelecida entre o ser humano e o mangue é antiga e muito bem descrita nas civilizações da Grécia Antiga e no Equador, no período Pré-colombiano, e era caracterizada como atividade para fins alimentares, obtenção de remédios, para a construção de moradias e produção de utensílios (MELO FILHO, 2003).

A aquisição de conhecimento aprofundado dos fenômenos da natureza ensejaram o surgimento da cultura artesanal, representada por tradições, crenças, usos e costumes que são perpetuados por gerações, nas quais os ensinamentos são passados de pais para filhos (PENA; FREITAS, 2014).

O mangue é importante para o equilíbrio do ecossistema natural e essencial para os moradores ribeirinhos, pois é fonte de alimento e de renda.

O mangue é um ecossistema, com suas leis biológicas e processos reprodutivos independentes; ao mesmo tempo é objeto de trabalho, “força produtiva da natureza” mediatizada pela atividade humana. São diferentes percepções, diversos padrões culturais e tecnológicos, que condicionam e imprimem uma lógica particular à interação entre mulher e o mangue (OLIVEIRA, 1993, p. 73).

A desembocadura de água de esgotos sanitários domésticos e industriais na Baía de Todos os Santos é uma prática comum, sendo responsável pela poluição de águas superficiais e subterrâneas. Os resíduos industriais contaminantes mais encontrados em Ilha de Maré são Arsênio, Cádmio, chumbo, cobre, cromo, ferro, mercúrio e zinco. (FREITAS, 2014). Esses dados não se estendem a Salinas das Margarida, pois não há estudos de análise das águas costeiras dessa região. Contudo, existem indícios de que há poluição nessas águas, devido ao derramamento de óleo ocorrido em Madre de Deus (localizado próximo a Salinas da Margarida) no ano de 2009.

Os esgotos sanitários despejados em mangues, mares e rios possuem contaminantes, como vírus e bactérias que podem ser responsáveis por várias doenças, como hepatite A, cólera, febre tifoide e doenças diarreicas. Dentre estas doenças, há estudos que correlacionam com vaginites (BURKHART et al., 2005; GABUTTI et al., 2004; YUTHIKA et al., 1994). E esse é um fator importante relacionado a saúde das marisqueiras, já que elas ficam frequentemente em contato com o mangue e com a água do mar.

Outros estudos comprovam que fungos como *Candida ssp.*, helmintoses (*Enterobius vermiculares*) e bactérias como Coliformes (*E. coli*) e Estafilococcus são

causadores de vulvovaginites e estão presentes em esgotos sanitários (FERRACIN et al., 2005; GABUTTI et al., 2004, BURKHART et al., 2005; VALDES-COLLAZO, 1987).

Um estudo da análise microbiológica de água da costa marinha de Porto Rico, revelou a presença de *Candida albicans* e que isto pode ser responsável pelas vulvovaginites da população exposta a esse ambiente (VALDES-COLLAZO, 1987).

Tendo em vista os aspectos levantados, a marisqueira está em contato frequente com o ambiente de trabalho contaminado por esgotos sanitários, portanto elas têm maior risco para infecções vaginais. Segundo a fala abaixo, pode-se apreender que a marisqueira atribui um sintoma ginecológico (corrimento) à sujeira presente no ambiente de trabalho (maré), e destaca que esse corrimento pode ter relação com bactérias.

“Acho que também ali dar um corrimento, bactéria porque a água tá muito suja mesmo. Como a maré tá enchendo, que o pessoal já mariscou ali, senta naquela água ali, acho que ali.[...]” (Zélia, 32 anos).

Apesar de existir relação entre contaminantes ambientais e as doenças ginecológicas na literatura pesquisada, não encontramos estudos epidemiológicos que comprovem essa relação com a mariscagem.

A crescente urbanização de regiões costeiras do Brasil tem sido responsável pelo crescimento de áreas de devastação da vegetação nativa de mangues, além de aumentar o volume de esgotos despejados nos mangues e praias.

A contaminação da água por agentes biológicos provenientes do esgoto "in natura" (sem tratamento) podem causar diversos problemas citados a seguir: poluição e Aterro e construção de casas no manguezal, contaminação das águas, contaminação de animais aquáticos, morte de animais aquáticos,[...]. Porém, o principal dano é sobre a saúde das comunidades[...]. [...], estas comunidades podem sofrer com doenças transmitidas por vírus e bactérias e serem contaminadas por metais pesados e produtos químicos. (ALVES, 2001, p. 27)

As marisqueiras vivenciam a poluição no ambiente de trabalho, mas não sabem medir ao certo as consequências específicas disso para sua saúde. Elas relatam uma diminuição do seu produto de trabalho, comparam o antes e o depois do surgimento de indústrias.

“Aqui até que não tem muito. Graças a Deus não muito. Cinquenta por cento” (Úrsula, 45 anos).

“Agora pouco siri, piorou ainda depois desse trabalho da Petrobrás, piorou mesmo. Porque antigamente aqui era muito peixe, muito, muito siri mesmo” (Iana, 64 anos).

É interessante notar o quanto elas fazem parte desse meio ambiente e como a saúde pode ser influenciada. “Se tivesse poluído sentia o corpo todo cocando, as bolinhas... mas não sinto nada disso” (Norma, 55 anos).

Tal constatação é referenciado por Freitas (2014, p. 164) ao afirmar que “[... ]eles possuem uma matriz interpretativa relativa ao ambiente e seus problemas, tal como hoje vem sendo pensada pelos elaboradores das teorias de desenvolvimento sustentável, em que os seres humanos são constituintes de um organismo vivo[...].”

O manguezal possui diversas propriedades medicinais e é amplamente utilizado pela medicina popular devido aos seus efeitos curativos. Pode ser usado na forma de maceração de folhas, da casca e de chás, com propriedades anti-inflamatória, e antipirética, largamente utilizado pelas comunidades tradicionais em diversas doenças, como o câncer e o diabetes. Algumas espécies de mangue têm mostrado efeitos sobre patógeno, possuindo propriedades bactericida e fungicida (REVATHI et al., 2013).

Além dessa propriedade curativa, o manguezal adquiriu um importante significado no folclore das populações, sendo cercado de religiosidade e misticismo (FREITAS, 2014).

Embora tenha sofrido com a poluição e com a devastação, o poder curativo da lama não poluída encontra-se presente no universo simbólico e é bem retratado por algumas marisqueiras, como remete o trecho abaixo.

A doença é como te disse, a frieza, que ele é banhado por água, por lama, e não sabe o que que aquela lama ta, assim, sem nenhuma agressão nela mesmo né, porque ela pode ser curativa né, porque se fosse um ambiente que tivesse tratado, se o pessoal tivesse cuidado, não jogasse tanta poluição. A lama em outro lugar ai é curativa, a daqui, eu nunca tive problema de pele, aqui constatado que foi do mangue, mesmo com toda essa agressão que o mangue sofre (Lana, 53 anos).

As falas a seguir marcam uma mudança de significado sobre a degradação ambiental, pois, para elas, quem produziu não foi somente a indústria, mas também os próprios pescadores e marisqueiras. Aos distanciarem-se da função que exercem (marisqueiras) para analisar o que também pode estar degradando a natureza, percebem a poluição como parte essencial do equilíbrio ecológico, mas são muitas vezes

culpabilizadas pela degradação do seu ambiente de trabalho. Desconhecem, elas e outros transeuntes, portanto, dos determinantes e condicionantes sociais do processo de poluição, como a falta de acesso à educação ambiental, ausência de coleta de lixo eficaz, e centram a culpa no indivíduo. Para elas, todos passam a ter sua responsabilidade quando se fala do mesmo meio de subsistência e de renda.

Vai numa ponta de mangue que não veja garrafa pet, saco plástico, então isso é uma agressão, mesmo nesses lugares, que o pessoal vai para a maré ai bebe um iogurte e joga o vasilhinho no mar, a maré desce, vaza, a maré enche, vem para dentro do mangue e quando encosta em algum toco, ele já fica no mangue. Ai então é uma agressão ao mangue (Lana, 53 anos).

“...onde marisco, a poluição é meio de óleo porque sente o cheiro de óleo, e naquele meio ali tem canoa vazando porque a gente sente o cheiro do combustível” (Zélia, 32 anos).

A percepção dessas marisqueiras, como poluidoras do mangue e da maré, e assim como produtoras de doenças, pode ser explicado pelo acesso mais fácil a rede de comunicação (internet e televisão), proporcionado pela introdução recente de programas sociais (seguro defeso e bolsa família), responsáveis pelo aumento da renda dessas trabalhadoras. Apesar dessa assertiva existe uma parte dessa população pesqueira que não percebe a poluição em seu ambiente de trabalho e isso perpassa, como explica Buss (2007), por uma problemática sócio-econômica e educacional, pois estes fatores são essenciais para a percepção clara do processo saúde-doença e para sua prevenção. Uma parte delas ainda não tiveram acesso à educação formal, muito menos informações sobre poluição e conservação ambiental, o que aponta para a necessidade de cautela na análise da culpabilidade no processo de adoecimento.

Além do lixo e esgotos encontrados em manguezais, existem os dejetos químicos de grandes indústrias que geram grandes quantidades de poluentes, dentre eles o petróleo e seus derivados.

O petróleo (composto que contém hidrocarbonetos alifáticos, alicíclicos e aromáticos), e seus derivados é o poluente mais comumente encontrado nos manguezais estudados, resultado da atividade de indústrias e embarcações. Suas consequências para o meio ambiente são enormes, podendo ocasionar a morte da vegetação do mangue e das espécies que sobrevivem nesse hábitat (IPIECA, 2000).

Existem inúmeros fatores que podem interferir na duração dos produtos do petróleo no solo do manguezal. O clima e a maré podem favorecer a volatilização e a

quebra das cadeias de hidrocarbonetos, incluindo aromáticos, tornando o óleo menos danoso para o ecossistema. Contudo, o tempo de degradação e eliminação desse composto dependerá também do tipo ou composição química específica do óleo (LIMA,2010).

Os hidrocarbonetos aromáticos, além de prejudicarem o meio ambiente, são considerados importantes carcinogênicos e mutagênicos para os seres humanos, podem ser absorvidos pelo contato com a pele, por inalação do ar poluído ou por ingestão de alimentos ou água contaminados. A leucemia é o tipo de câncer mais incidente entre a população exposta a esses compostos, além da prevalência de câncer no intestino, na pele, no pâncreas e no fígado (COSTA, 2001; SISSINO et al., 2003; JACQUES et al., 2007).

No Brasil, os lixos provenientes das ações antropogênicas são erroneamente jogados em rios e mares. E parte dessa carga de poluentes se acumula nos manguezais, provocando desequilíbrio do ecossistema, e morte da fauna e da flora. A falta de saneamento básico, coleta de lixo, acesso à educação, contaminação pelas empresas e seus dejetos industriais, dentre outros condicionantes, inscrevem representações sociais no universo simbólico que concebe o mangue como lugar sujo, e sendo assim, se tornou destinação final de vários tipos de lixo. Como tais representações fazem parte da cultura, as práticas de poluição originária dos pescadores e marisqueiras são também entendidas como algo natural que se somam ao ambiente do mangue e praia poluído. Com isso, as lutas para mudanças das políticas públicas são insuficientes, principalmente junto as prefeituras municipais, ampliando o quadro poluidor, que tem transformado algumas regiões do mangue em depósito de lixo a céu aberto.

Como já dito, a concepção de mangue foi simbolicamente construído pela consciência social, como meio sujo e malcheiroso, e isso reflete até os dias atuais, não somente na vida das marisqueiras, como também de pessoas que não sobrevivem da extração nos manguezais. E podemos localizar isso em uma das falas :“No Araçá tem os tubos de esgoto visível e outros não visível e como o sol ta quente você sente mesmo o cheiro de esgoto”(Zélia, 32 anos).

A marisqueira Zélia relatou que quando vai para a maré leva sempre um saco para catar os lixos que deixam na beira do mar e no mangue (anotado no diário de campo). Apesar de muitas não terem essa postura ecológica, isso demonstra que há preocupação com a preservação do patrimônio natural e do ambiente de trabalho. Muitas vezes pensam em denunciar práticas poluidoras de empresas, mas têm medo de represálias das autoridades econômicas e políticas das empresas instaladas em Salinas da Margarida.

A afirmativa de Gomes (2009, p. 94) de que “O mar ainda é a referência central da sobrevivência de muitas famílias salinenses” é corroborada pelas marisqueiras pois, apesar do advento de novas tecnologias, e modificações no processo de trabalho das Marisqueiras de Salinas da Margarida, devido à inserção de indústrias petroquímicas e pesqueiras, elas não perderam a vontade de mariscar e nem a importância do significado dessa prática em suas vidas. Com todas as dificuldades de território pesqueiro, elas lutam e tem esperança para que dias melhores cheguem.

## **2. Carcinicultura e a mariscagem**

A carcinicultura ou simplesmente conhecido como cultivo de camarão em cativeiro, é uma atividade em expansão em todo o Brasil e principalmente no Nordeste. Estima-se que essa atividade econômica seja responsável pela geração anual de aproximadamente 1 bilhão de reais por ano somente no estado do Ceará, além de ser um importante gerador de emprego e renda (ABCC, 2015).

Em contrapartida, essa atividade utiliza exaustivamente os recursos naturais onde é implantado, podendo trazer muitos impactos ambientais e sociais. Os principais impactos são o desmatamento e assoreamento de manguezais, poluição de rios e mares através do lançamento dos resíduos tóxicos usados no tratamento do camarão, salinização de lençóis freáticos, viroses e desestruturação de comunidades de pescadores artesanais (TANCREDO, 2011).

A implantação da carcinicultura em Salinas da Margarida(BA), aconteceu na década de 90 e foi responsável pela degradação do meio ambiente costeiro dessa região. Áreas de manguezais foram largamente destruídas, o que levou a morte da biota desses ricos viveiros, produzindo a escassez de mariscos e crustáceos. Isso afetou diretamente a vida dos pescadores artesanais e marisqueiras, pela diminuição da renda, além de provocar mudança do espaço físico (elas passaram a percorrer trajeto mais longo para chegar no ponto de mariscagem) (GOMES, 2009).

Os despojos (insumos químicos) do viveiro de camarões de Salinas da Margarida são citados durante as entrevistas, onde elas descrevem as três bocas, sendo a terceira mais prejudicial para o meio ambiente, pois é onde os mariscos estão mortos ou que não crescem.

Poluição química do cativeiro camarão. O lugar onde escorre a água...São dois lugares um escorre a poluição geral, o outro onde sai a

água do viveiro, tem marisco em abundância, mas o outro onde sai o lixo todo, não produz nada. O terceiro é poluído que só (Quely, 30 anos).

Corroboro com a opinião de Gomes (2009) quando ela relata que os adubos/fertilizantes (rico em nutrientes) que saem em uma das bocas podem ser responsáveis pelo aumento da quantidade de mariscos.

As rações utilizadas para alimentação dos camarões são compostas por proteínas, vitaminas, minerais orgânicos (selênio e zinco), prébióticos e betaglucanos. Esse conteúdo pode variar conforme a fase de crescimento do camarão, o tipo de camarão e o tipo de fabricante da ração. Ainda, algumas rações possuem em sua fórmula, antimicrobianos.

Além disso, para o manejo adequado do camarão são necessários a adição de outros produtos químicos, como calcigênicos, para manter o pH da água, pesticidas, para eliminar parasitas do ambiente, de coagulantes e fertilizantes orgânicos e inorgânicos. Tais produtos podem afetar a saúde humana e ocasionar um grande problema de saúde pública (WAINBERG, 2000).

Além da poluição química, estudos microbiológicos que analisaram a água do cativeiro, encontraram a presença de bactérias e vírus, que provocam doenças nos camarões, como a Síndrome da Mancha Branca e Mionecrose infecciosa (NEGREIROS et al., 2015). Apesar de sua importância para a saúde pública, não há dados e nem pesquisas que demonstrem a relação desses microorganismos patogênicos com doenças em seres humanos.

Alguns antibióticos, principalmente dos grupos da fluoroquinolona e os dos betalactâmicos, são adicionados nos cativeiros para a prevenção de doenças que diminuem a produção de camarões, como o *Vibrio* e a *Aeromonas* (NEGREIROS et al., 2015). De modo semelhante não existem estudos que mostrem com exatidão quais são as consequências dessa medida para a saúde das populações humanas (LE et al., 2004; BARTON, 2000).

A classe de antibióticos da fluoroquinolona foi destacada pela Food and Drugs Administration (FDA) em 2013, como um medicamento que podem aumentar o risco de ruptura de tendões e tendinites. Esse é um dado importante, já que esta substância é lançada ao mar, e pode provocar prejuízos às comunidades pesqueiras e as Marisqueiras, pois estão, muitas vezes, em contato direto com os despojos de cativeiros de camarões (FDA, 2013).

Segundo Wainberg (2000, p.-) “O uso indiscriminado de antibióticos causa especial preocupação, uma vez que pode resultar na formação de cepas de bactérias com resistência ao antibiótico, podendo trazer problemas de saúde pública no controle de doenças humanas.” Embora existam estudos que destacam a influência de antibióticos sobre a resistência de bactérias (SMITH et al.,1996; SANTOS, 2010), faz-se necessário a realização de estudos ecotoxicológicos que mostre os efeitos dos antibióticos descartados no meio ambiente sobre as populações humanas (BRANDT et al., 2015; DE LA CRUZ et al., 2014).

Nessa perspectiva, outros tipos de antibióticos podem ser encontrados no uso de viveiros de camarões, como Oxacilina, Trimetropim, Ampicilina, mas suas consequências para a saúde de populações pesqueiras ainda não foram estudadas. Sabe-se que as concentrações de antibióticos jogados na costa do mar podem atingir o dobro da concentração limite permitida no ambiente, provocando a degradação ambiental e desequilíbrio do ecossistema (LE et al., 2004).

De acordo com Le; Munekage, p.929 (2004), “os resíduos de antibióticos em viveiros de camarão, [...], podem afetar a qualidade dos ecossistemas aquáticos, incluindo os produtos da pesca. Outros estudos sobre estas questões são, portanto, necessários. ”

A mensuração da magnitude e dos impactos causados pelos produtos da carcinicultura é um processo complexo, visto que, não há informações a respeito das quantidades e da qualidade do insumo adicionados no cativeiro de camarões. Para isso, a ecotoxicologia ou toxicologia ambiental tem papel fundamental, pois se trata da ciência que estuda os “efeitos e mecanismos processos químicos sobre os ecossistemas e seus impactos para a população ou comunidades” (PEAKALL et al.,1992).

Em relação às doenças advindas da poluição do ambiente de trabalho, as marisqueiras as interpretam a partir do aparecimento de sintomatologia. Quando não há sintomas, significa a inexistência de poluição. Isso é explicado pela invisibilidade do risco, pois o que não é visto a olho nu, não pode se manifestar como doença. Isso é bem visível nessa fala: “Não. Se tivesse poluído sentia o corpo todo coçando, as bolinhas... mas não sinto nada disso” (Norma, 55 anos).

A tradição e os costumes são elementos muito presentes na vida dessas marisqueiras; vivem do trabalho artesanal tradicional. A historicidade da prática de mariscagem está presente em vários relatos e permanecem viva em suas falas ao expressarem tristeza e pessimismo quanto ao futuro do local de trabalho e da atividade de mariscagem. Essa tristeza ganha voz a partir de mobilizações sociais a favor da

conservação do mangue e das tradições, considerando este patrimônio ambiental dessas comunidades.

Vários protestos contra a poluição dos manguezais e arenosos de praias foram (e continuam) liderados pelas marisqueiras e pelos pescadores de Salinas da Margarida. Contudo, os resultados alcançados foram pequenos, pois as indústrias permanecem explorando os recursos naturais e eliminando rejeitos poluentes no ambiente.

A implantação da carcinicultura trouxe mudanças no cotidiano das marisqueiras visto que os espaços de mariscagem foram gradativamente invadidos, restando caminhos que tornaram o processo de trabalho mais difícil e longo.

## CONCLUSÕES

Os significados da poluição para as Marisqueiras e a importância do equilíbrio ecológico para a manutenção dos ecossistemas do ambiente de trabalho; mangues e marés é atribuído à poluição, revelando, contudo, que o desconhecimento da complexidade de determinantes e condicionantes sociais do processo de contaminação, as levam a culpabilizar os próprios sujeitos pescadores.

Os fatores de risco que elas encontram são visíveis, como esgoto e lixo, enquanto que os riscos invisíveis, não identificados por meio de avaliações clínicas e ambientais passam despercebidos, como bactérias e vírus presentes nos esgotos sanitários, além das consequências dos insumos produzidos e despejados pelo cultivo do camarão no meio ambiente.

Os ditos fatores de riscos “invisíveis”, como vírus, bactérias e verminoses, e a ocorrência das doenças produzidas pelo uso antibióticos na carcinicultura, necessitam ser estudados e discutidos pela comunidade acadêmica, pois são elementos importantes para a saúde coletiva.

Apesar de existir um elo frágil entre esses riscos e a saúde de populações humanas, sabe-se que algumas questões têm sido negligenciadas durante décadas, como os efeitos de antibióticos e pesticidas dos criatórios de camarões sobre a saúde de populações que consomem o pescado ou tem contato direto com essa água contaminada. A ecotoxicologia tem sido uma ponte de discussão científica, pois engloba os riscos da maricultura e carcinicultura para a preservação de biomas aquíferos. Nesta perspectiva, novos estudos sobre essa temática devem ser realizados explicitando os riscos dessa contaminação para a população e as medidas necessárias para proteção da saúde.

Tanto a carcinicultura como a poluição de mangues e da costa marinha por lixos e esgotos podem trazer malefícios a saúde e ao processo de trabalho das comunidades pesqueiras, quanto a proteção do ambiente de trabalho pelos próprios pescadores e marisqueiras é imprescindível. Requer, para o momento, coleta do lixo nos mangues e a promoção da conscientização da limpeza do ambiente de trabalho, como ações que podem ser eficazes para a redução da poluição.

Apesar de ser uma atividade promissora economicamente, a carcinicultura traz serias consequências para a fauna e a flora da costa marinha brasileira, além de ter um impacto social na vida dos pescadores e marisqueiras, visto que a poluição ameaça a preservação do território pesqueiro e, conseqüentemente a sobrevivência desta comunidade. Portanto, é necessário avaliar a sustentabilidade ambiental desses viveiros de camarão, promovendo a regularização e fiscalização dessa atividade, para que dessa forma haja diminuição dos impactos socioambientais.

Nesse contexto, a mobilização social é uma importante iniciativa para pressionar que a carcinicultura seja social e ambientalmente responsável, porém somente isso não é suficiente para produzir mudanças de atitude nas empresas de carcinicultura. Faz-se necessário também mais aparatos políticos, como reformulação da legislação ambiental e lei mais coercitivas para a manutenção do patrimônio ambiental.

## REFERÊNCIAS

ABCC (Associação Brasileira dos Criadores de Camarão). O Cultivo de Camarão e Meio Ambiente. 2004. 6p. Disponível em: <[www.abcc.com.br](http://www.abcc.com.br)>. Acesso em: 10 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **O Censo da carcinicultura nacional** 2004. 4 p. Disponível em: <http://www.abcc.com.br> . Acesso em: 10 jan. 2016.

ALVES, J. R. P. **Manguezais**: educar para proteger. Rio de Janeiro: FEMAR: SEMADS, 2001.96 p

BARTON, M.D. Antibiotic use in animal feed and its impact on human health. **Nutrition Research Reviews**, 2000, 13(2):279–299.

BRASIL. Resolução CONAMA nº 001 de 1986. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html> . Acesso em: 10 jan. 2016.

BRANDT, K. K. et al. Ecotoxicological assessment of antibiotics: A call for improved consideration of microorganisms. **Environment International**. 2015, 85: 189–205.

BURKHART, C. N. ; BURKHART, C. G.. Assessment of frequency, transmission and genitourinary complications of enterobiasis (pinworms). **Int. J. Dermatol**. 2005 Oct;44 (10):837-40.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**, Rio de Janeiro. Apr. 2007, 17(1):77-93. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312007000100006&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 22 mar. 2016.

COMISSÃO Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS). **Carta aberta aos candidatos à Presidência da República**. Setembro de 2006. Disponível em: <[www.determinantes.fiocruz.br](http://www.determinantes.fiocruz.br)>. Acesso em: 20 mar. 2016.

COSTA, A. F.. **Avaliação da contaminação humana por hidrocarbonetos policíclicos aromáticos**: determinação de 1-hidroxi pireno urinário. 80 fls. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001.

DE LA CRUZ, E. et al. Hazard prioritization and risk characterization of antibiotics in an irrigated Costa Rican region used for intensive crop, livestock and aquaculture farming. **Journal of environmental biology** / Academy of Environmental Biology, India, January 2014, 35(1):85-98.

FERRACIN, I.; OLIVEIRA, R.M.W. Corrimento vaginal: Causa, diagnóstico e tratamento farmacológico. **Infarma**. 2005, 17(5/6). Disponível em: <http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=276&path%5B%5D=265> . Acesso em: 20 mar. 2016.

FOOD and Drug Administration. Protecting and Promoting Your Health. **FDA Drug Safety Communication**: FDA requires label changes to warn of risk for possibly permanent nerve damage from antibacterial fluoroquinolone drugs taken by mouth or by injection. Disponível em: <http://www.fda.gov/downloads/Drugs/DrugSafety/UCM365078.pdf> . Acesso em: 10 abr. 2016.

GABUTTI, G et al. Relationship between indicators of faecal pollution and presence of pathogenic microorganisms in coastal seawaters. **Journal of Coastal Research**. west Palm Beach( Florida), 2004, 20(3): 846-852.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, 323p.

GOMES, R. C.. A vida no vai-e-vem das águas: mulheres marisqueiras de Salinas da Margarida, trabalho, cultura e meio ambiente (1960-1990). 146 fls. Dissertação [mestrado] - Universidade do Estado da Bahia, Programa de pós-graduação em História Regional e Local, 2009.

IPIECA. **BIOLOGICAL IMPACTS OF OIL POLLUTION: SEDIMENTARY SHORES**. Report n. 9, International Petroleum Industry Environmental Conservation Association, London, 2000.

JACQUES, R. J.S; BENTO, F. M. et al. Biodegradação de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos. **Ciência e Natura, UFSM**. 2007, 29 (1): 7 – 24.

LE, T.X.; MUNIKAGE, Y. Residues of selected antibiotics in water and mud from shrimp ponds in mangrove areas in Viet Nam. **Marine Pollution Bulletin**. 2004, 49(11-2):922– 929.

LIMA, D.F. **Biorremediação em Sedimentos Impactados por Petróleo na Baía de Todos os Santos, Bahia**: Avaliação da Degradação de Hidrocarbonetos Saturados. 234 fls. Dissertação - INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS [Mestrado em Geologia], Universidade Federal da Bahia, 2010.

MELO FILHO, D. A. de. Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, Aug. 2003, 10(2):505-524. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702003000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000200002&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 12 Ago. 2015.

MINAYO, M. C. S et al. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. ; SOUZA E. R. (org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 71-105.

NEGREIROS, L.M.S.; SANTOS, D.B. Doenças microbianas na carcinicultura brasileira: Uma revisão. **Carpe Diem**: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX. 2015, 13(1): 2237 – 8685.

OLIVEIRA, M. N. Rainha das águas, dona do mangue: um estudo do trabalho feminino no meio marinho. **Rev. bras. estud. Popul.** 1993, Campinas-SP, 10(1/2): 71-88.

PEAKALL, D.B.; SHUGART, L. R. Ecotoxicology.. [Editorial]. **Ecotoxicology**, 1(1): 1, 1992

PENA, P.G.L.; FREITAS, M.C. S. Condições de trabalho da pesca artesanal de mariscos e riscos para LER/DORT em uma comunidade pesqueira da Ilha de Maré, BA. In: PENA, Paulo G.L.; MARTINS, Vera L. A. Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais. Brasil: EDUFBA, 2014, p.53-91.

PENA, P.G.L.; MARTINS, V.; REGO, R. F.. Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo. Jun. 2013, 38(127): 57-68. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572013000100009&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 23 Dez. 2014.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área de saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, abr/jun 2007, 15(2):276-83.

REVATHI, P. et al. MEDICINAL PROPERTIES OF MANGROVE PLANTS – AN OVERVIEW. **Int. J. Bioassays**, 2013, 02 (12):1597-1600.

SANTOS, L. H.M.L.M, et al. Ecotoxicological aspects related to the presence of pharmaceuticals in the aquatic environment, **Journal of Hazardous Materials**, 2010, 175: 45–95.

SISINNO, C. L. S. et al . Hidrocarbonetos policíclicos aromáticos em resíduos sólidos industriais: uma avaliação preliminar do risco potencial de contaminação ambiental e humana em áreas de disposição de resíduos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, Apr. 2003, 19(2): 671-676. Disponível em:

[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000200035&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000200035&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 11 Apr. 2016.

SMITH, P.; SAMUELSEN, O. B. Estimates of the significance of out-washing of oxytetracycline from sediments under Atlantic salmon sea cages. **Aquaculture**. 1996,144: 17-26.

TANCREDO, K.R.; NOBREGA,R. O.; DIAS, T. et al. Impactos Ambientais da Carcinicultura Brasileira. **3rd International Workshop | Advances in Cleaner Production**. CLEANER PRODUCTION INITIATIVES AND CHALLENGES FOR A SUSTAINABLE WORLD. São Paulo-Brazil, May 18th-20ndth, 2011.

VALDES-COLLAZO, L.; SCHULTZ, A.J.; HAZEN, T.C. Survival of *Candida albicans* in tropical marine and fresh waters. **Appl Environ Microbiol**. Aug. 1987;53(8):1762-7.

VASCONCELOS, L.C.; ARANHA, M. L. M.; LIMA, S.V.N. Trabalho, meio ambiente e saúde em comunidades marisqueiras de Sergipe. **VI colóquio internacional: Educação e contemporaneidade**. São Cristóvão /Sergipe 20 a 22 set 2012.

WAINBERG, A.A. **Na Criação de Camarões os Lucros e o Meio Ambiente devem Caminhar de Mãos Dadas**. ed. 57 – jan./fev. 2000. Disponível em: <http://www.panoramadaaquicultura.com.br/Paginas/Revistas/57/Camarao57.asp> . Acesso em: 08 abr. 2016.

YUTHIKA, H. S.; SAMARANAYAKE, L.P. *Candida krusei*: biology, epidemiology, pathogenicity and clinical manifestations of an emerging pathogen. **J. Med. Microbiol**. 1994, 41: 295-310.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os significados que permearam as falas das marisqueiras desvelaram importantes aspectos de suas vidas, seus costumes, hábitos e atitudes, diante das condições de seu ambiente de trabalho. Vivem e sobrevivem condicionadas ao tempo que é regido pelas marés, pelo clima e pelo ciclo lunar: Conhecimentos que possuem uma historicidade e fazem parte da cultura tradicional.

Os símbolos construídos por essas comunidades reverberam-se de gerações a gerações e novos sentidos são gradativamente agregados, a exemplo da adaptação e fabricação de novos instrumentos de trabalho, e do aprimoramento da mariscagem.

Além disso, o estudo revelou importantes fatos sobre os significados dos riscos geniturinários e como o ambiente de trabalho pode contribuir para o adoecimento das marisqueiras. Assim, como atentou para a falta de estudos na área, com a necessidade de mais discussões sobre a relação desses riscos com o ambiente de trabalho. Alguns riscos importantes aparecem nesse contexto, como a poluição dos mangues e das águas costeiras por esgotos e dejetos industriais, além da importância da umidade (risco inerente ao ambiente de trabalho).

Acreditamos que este estudo extrapolou seu objetivo inicial, agregando os significados da poluição, considerado como risco importante na comunidade estudada. A investigação do objeto de estudo, permitiu um aprofundamento além do necessário, criando novos conhecimentos sobre essa comunidade em relação aos ciclos de vida feminino - menstruação, gravidez.

Os conhecimentos advindos dessa dissertação sugerem a necessidade de incentivo das autoridades municipais e estaduais na promoção da saúde e prevenção de agravos relacionados às marisqueiras, principalmente, em relação às infecções geniturinárias, foco temático deste estudo.

## REFERÊNCIAS

- ARIAS SÁNCHEZ, R. E. **Mitos y arte**: el caso de la vagina dentada Chavín, en Ensayos del Museo Antropológico de la Cultura Andina. Huancayo, Perú, 2014.
- ABCC (Associação Brasileira dos Criadores de Camarão). O Cultivo de Camarão e Meio Ambiente. 2004. 6p. Disponível em: <[www.abcc.com.br](http://www.abcc.com.br)>. Acesso em: 10 jan. 2016.
- \_\_\_\_\_. **O Censo da carcinicultura nacional** 2004. 4 p. Disponível em: <http://www.abcc.com.br> . Acesso em: 10 jan. 2016.
- ALVES, J. R. P. **Manguezais**: educar para proteger. Rio de Janeiro: FEMAR: SEMADS, 2001.96 p
- BÁEZ-JORGE, F. La vagina dentada em La mitologia de Mesoamérica: Itinerario analítico de orientacion Lévi-straussiana. **Revista de antropologia experimental**, 2010, n. 10(2): 25-33.
- BAHIA. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador-CESAT. **Informativo do Cesat**. set/dez 2010, n. 36, p. 1- 6.
- BARTON, M.D. Antibiotic use in animal feed and its impact on human health. **Nutrition Research Reviews**, 2000, 13(2):279–299.
- BARDIN, M. G.; GIRALDO, P. C.; PINTO, C. L. B. Association of sanitary pads and clothing with vulvovaginitis. **DST- J bras Doenças Sex Transm**, 2013, 25(3):123-127.
- BECK, U. **Sociedade de risco**: Rumo a uma outra modernidade. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: ed. 34, 2010, 368p.
- BRASIL. Resolução CONAMA nº 001 de 1986. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/conama/res/res86/res0186.html> . Acesso em: 10 jan. 2016.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho. **Limite de tolerância**. Portaria 3214 de 08 de junho de 1978 -NR 15 - anexo 11. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO/ SPPE. Classificação Brasileira de Ocupações: CBO 2002. Brasília: MTE, 2002.
- \_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações – CBO**. 2012. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloA-Z.jsf> . Acesso em: 07 de jul. 2014.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Elizabeth Costa Dias (Org.); colaboradores Idelberto Muniz Almeida et al. **Série A**.

**Normas e Manuais Técnicos.** n.114. Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001. 580 p.

BRANDT, K. K. et al. Ecotoxicological assessment of antibiotics: A call for improved consideration of microorganisms. **Environment International.** 2015, 85: 189–205.

BLACKLEDGE, C. **A História da V** – Abrindo a Caixa de Pandora. Tradução por: José Manoel Bertolote. São Paulo: Degustar, 2004. 312p.

BURKHART, C. N. ; BURKHART, C. G.. Assessment of frequency, transmission and genitourinary complications of enterobiasis (pinworms). **Int. J. Dermatol.** 2005 Oct;44 (10):837-40.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**, Rio de Janeiro. Apr. 2007, 17(1):77-93. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312007000100006&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 22 mar. 2016.

COMISSÃO Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS). **Carta aberta aos candidatos à Presidência da República.** Setembro de 2006. Disponível em: [www.determinantes.fiocruz.br](http://www.determinantes.fiocruz.br) . Acesso em: 20 mar. 2016.

COSTA, A. F.. **Avaliação da contaminação humana por hidrocarbonetos policíclicos aromáticos:** determinação de 1-hidroxi pireno urinário. 80 fls. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001.

DE LA CRUZ, E. et al. Hazard prioritization and risk characterization of antibiotics in an irrigated Costa Rican region used for intensive crop, livestock and aquaculture farming. **Journal of environmental biology** / Academy of Environmental Biology, India, January 2014, 35(1):85-98.

FERRACIN, I.; OLIVEIRA, R.M.W. Corrimento vaginal: Causa, diagnóstico e tratamento farmacológico. **Infarma.** 2005, 17(5/6). Disponível em: <http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=276&path%5B%5D=265> . Acesso em: 20 mar. 2016.

FREITAS, M.C.S. Manguezal: um lugar sagrado e ameaçado pela contaminação em Ilha de Maré. In: PENA, Paulo G.L.; MARTINS, Vera L. A. **Sufrimento negligenciado:** doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais. Brasil: EDUFBA, 2014, p. 157-177.

FOOD and Drug Administration. Protecting and Promoting Your Health. **FDA Drug Safety Communication:** FDA requires label changes to warn of risk for possibly permanent nerve damage from antibacterial fluoroquinolone drugs taken by mouth or by injection. Disponível em: <http://www.fda.gov/downloads/Drugs/DrugSafety/UCM365078.pdf> . Acesso em: 10 abr. 2016.

GABUTTI, G et al. Relationship between indicators of faecal pollution and presence of pathogenic microorganisms in coastal seawaters. **Journal of Coastal Research**. west Palm Beach( Florida), 2004, 20(3): 846-852.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008, 323p.

GIRALDO, P. C. et al . Hábitos e costumes de mulheres universitárias quanto ao uso de roupas íntimas, adornos genitais, depilação e práticas sexuais. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Rio de Janeiro, sep. 2013, 35(9): 401-406. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-72032013000900004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-72032013000900004&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 22 dez. 2016

GOMES, R. C.. A vida no vai-e-vem das águas: mulheres marisqueiras de Salinas da Margarida, trabalho, cultura e meio ambiente (1960-1990). 146 fls. Dissertação [mestrado] - Universidade do Estado da Bahia, Programa de pós-graduação em História Regional e Local, 2009.

GOMES, R.; SOUZA, E. R. et al. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. ; SOUZA E. R. (Orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 185-221.

GOMES, T. M. D. Mulheres das águas: significações do corpo-que-trabalha-na-maré. 130 fls. Dissertação [Mestrado]. Programa de Pós-graduação em saúde, ambiente e Trabalho. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

GOMES, S.; FRUTUOSO, C. et al. Capítulo 3: Vaginites. Revisão dos consensos em infecções Vulvovaginais, 2012. **Sociedade Portuguesa de Ginecologia**. Hotel Vila Galé 24 a 26 março de 2012. Disponível em: [http://www.spginecologia.pt/uploads/revisao\\_dos\\_consenso\\_em\\_infecoes\\_vulgovaginas.pdf](http://www.spginecologia.pt/uploads/revisao_dos_consenso_em_infecoes_vulgovaginas.pdf) . Acesso em: 22 dez. 2014.

HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. Anel Rose Bolner (tradução). 5. ed. Porto Alegre: Artemed, 2009, 432p.

IPIECA. **BIOLOGICAL IMPACTS OF OIL POLLUTION: SEDIMENTARY SHORES**. Report n. 9, International Petroleum Industry Environmental Conservation Association, London, 2000.

JACQUES, R. J.S; BENTO, F. M. et al. Biodegradação de hidrocarbonetos aromáticos policíclicos. **Ciência e Natura, UFSM**. 2007, 29 (1): 7 – 24.

LAPLANTINE, F.. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003, 208p.

LE, T.X.; MUNIKAGE, Y. Residues of selected antibiotics in water and mud from shrimp ponds in mangrove areas in Viet Nam. **Marine Pollution Bulletin**. 2004, 49(11-2):922– 929.

LIMA, D.F. **Biorremediação em Sedimentos Impactados por Petróleo na Baía de Todos os Santos, Bahia**: Avaliação da Degradação de Hidrocarbonetos Saturados. 234 fls. Dissertação - INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS [Mestrado em Geologia], Universidade Federal da Bahia, 2010.

MELO FILHO, D. A. de. Mangue, homens e caranguejos em Josué de Castro: significados e ressonâncias. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, Aug. 2003, 10(2):505-524. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702003000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000200002&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 12 Ago. 2015.

MINAYO, M. C. S et al. Métodos, técnicas e relações em triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G. ; SOUZA E. R. (org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 71-105.

NEGREIROS, L.M.S.; SANTOS, D.B. Doenças microbianas na carcinicultura brasileira: Uma revisão. **Carpe Diem**: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX. 2015, 13(1): 2237 – 8685.

OLIVEIRA, M. N. Rainha das águas, dona do mangue: um estudo do trabalho feminino no meio marinho. **Rev. bras. estud. Popul.** 1993, Campinas-SP, 10(1/2): 71-88.

PEAKALL, D.B.; SHUGART, L. R. Ecotoxicology.. [Editorial]. **Ecotoxicology**, 1(1): 1, 1992

PENA, P.G.L.; FREITAS, M.C. S. Condições de trabalho da pesca artesanal de mariscos e riscos para LER/DORT em uma comunidade pesqueira da Ilha de Maré, BA. In: PENA, Paulo G.L.; MARTINS, Vera L. A. Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais. Brasil: EDUFBA, 2014, p.53-91.

\_\_\_\_\_. Riscos de doenças do trabalho relacionadas as atividades de pesca artesanal e medidas preventivas. In: \_\_\_\_\_. Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais. Brasil: EDUFBA, 2014, p.93-132.

PENA, P.G.L.; FREITAS, M. C. S. de; CARDIM, A. Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de marisqueiras na Ilha de Maré, Bahia. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , Aug. 2011, 16(8): 3383-3392. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232011000900005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000900005&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 23 dez. 2014.

PENA, P.G.L.; MARTINS, V.; REGO, R. F.. Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras. **Rev. bras. saúde ocup.**, São Paulo. Jun. 2013, 38(127): 57-68. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572013000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572013000100009&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 23 Dez. 2014.

PILLON, S.C.; LUIS, M.A.V. Modelos explicativos para o uso de álcool e drogas e a prática da enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem** julho-agosto; 12(4):676-82, 2004.

QUEIROZ, D. T.; VALL, J.; SOUZA, A. M. A. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área de saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, abr/jun 2007, 15(2):276-83.

RANGEL, M. L. Saúde do Trabalhador — Identidade dos Sujeitos e Representações dos Riscos a Saúde na Indústria Petroquímica. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, jul/set, 1993, 9 (3): 333-348.

RICOEUR, P. **Teoria da Interpretação**: o discurso e o excesso de significação. ed. 70. Lisboa: Edições 70, 2009, 136p.

REVATHI, P. et al. MEDICINAL PROPERTIES OF MANGROVE PLANTS – AN OVERVIEW. **Int. J. Bioassays**, 2013, 02 (12):1597-1600.

SANTOS, L. H.M.L.M, et al. Ecotoxicological aspects related to the presence of pharmaceuticals in the aquatic environment, **Journal of Hazardous Materials**, 2010, 175: 45–95.

SISINNO, C. L. S. et al . Hidrocarbonetos policíclicos aromáticos em resíduos sólidos industriais: uma avaliação preliminar do risco potencial de contaminação ambiental e humana em áreas de disposição de resíduos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, Apr. 2003, 19(2): 671-676. Disponível em:  
[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2003000200035&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000200035&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 11 Apr. 2016.

SMITH, P.; SAMUELSEN, O. B. Estimates of the significance of out-washing of oxytetracycline from sediments under Atlantic salmon sea cages. **Aquaculture**. 1996,144: 17-26.

RORIZ-FILHO, J.S.; VILAR, F.C.; MOTA, L.M. et al. Infecção do Trato Urinário. Simpósio: **Condutas em enfermagem de clínica médica de hospital de média complexidade** - Parte 1. Capítulo III. Medicina (Ribeirão Preto); 2010, 43(2): 118-25.

SABROZA, P. C. **Concepções de saúde e doença**. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. 2004. Disponível em:  
<http://www.abrasco.org.br/UserFiles/File/13%20CNS/SABROZA%20P%20ConcepcoesSaudeDoenca.pdf> . Acesso em: 22 dez .2014.

SANTIAGO, L., ACCIOLY, M. da C. Trabalho na Lama: Saberes e fazeres de marisqueiras de Garapuá e Barra dos Carvalhos - Ba. I SEC - **Seminário Espaços Costeiros**. IGEO - UFBA. Salvador, 2011

SARTI, C.A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saude soc.**, São Paulo, jul. 2001, 10(1): 3-13. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902001000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902001000100002&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 28 Jan. 2009.

SEVALHO, G.; CASTIEL, L.D. Epidemiologia e Antropologia médica: A possível in(ter)disciplinaridade. In: ALVES, PC., RABELO, MC. (Orgs.). **Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 1998. 248p.

SILVA, R.O.; DADALTI-GRANJA, P. et al. Conduta na dor e prurido vulvar. **Femina**, 2010, 38(1): 53-57.

SOUZA, A. P. A escrita de diários na formação docente. **Educ rev.**, Belo Horizonte. Mar. 2012, 28(1): 181-210 .

TRINDADE, A.A.M.; SOUZA, A.C.G. **Repensando a relação entre saúde e cultura: Antropologia e Medicina em cena.** Texto didático Departamento de medicina Preventiva e Social. Faculdade de Medicina. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008. 176 p.

TANCREDO, K.R.; NOBREGA, R. O.; DIAS, T. et al. Impactos Ambientais da Carcinicultura Brasileira. **3rd International Workshop | Advances in Cleaner Production.** CLEANER PRODUCTION INITIATIVES AND CHALLENGES FOR A SUSTAINABLE WORLD. São Paulo-Brazil, May 18th-20ndth, 2011.

VALDES-COLLAZO, L.; SCHULTZ, A.J.; HAZEN, T.C. Survival of *Candida albicans* in tropical marine and fresh waters. **Appl Environ Microbiol.** Aug. 1987;53(8):1762-7.

VASCONCELOS, L.C.; ARANHA, M. L. M.; LIMA, S.V.N. Trabalho, meio ambiente e saúde em comunidades marisqueiras de Sergipe. **VI colóquio internacional: Educação e contemporaneidade.** São Cristóvão /Sergipe 20 a 22 set 2012.

WAINBERG, A.A. **Na Criação de Camarões os Lucros e o Meio Ambiente devem Caminhar de Mãos Dadas.** ed. 57 – jan./fev. 2000. Disponível em: <http://www.panoramadaaquicultura.com.br/Paginas/Revistas/57/Camarao57.asp> . Acesso em: 08 abr. 2016.

YUTHIKA, H. S.; SAMARANAYAKE, L.P. *Candida krusei*: biology, epidemiology, pathogenicity and clinical manifestations of an emerging pathogen. **J. Med. Microbiol.** 1994, 41: 295-310.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa “Os significados de riscos geniturinários decorrentes do trabalho em ambientes úmidos de praia e manguezais em Marisqueiras do Recôncavo Baiano”. Essa pesquisa tem como responsável o Professor Paulo Gilvane Pena do Programa de Pós-graduação em Saúde, Ambiente e Trabalho da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e quer saber como as Marisqueiras percebem as doenças da vagina e do útero que podem ser causadas pelo trabalho na água e nos manguezais.

Sua participação se dará respondendo algumas perguntas e pode levar aproximadamente de 40 minutos. Caso você permita, suas respostas serão gravadas. Para que seu nome não seja identificado, a gravação receberá um número. A hora da entrevista será marcada por você, em um local reservado, apenas com a sua presença e o membro da equipe da pesquisa que lhe fará as perguntas.

Você tem direito de aceitar ou não participar desta pesquisa e livre e pode desistir de participar a qualquer momento, sem precisar dizer o motivo da desistência e sem prejuízo para seu trabalho, sua vida profissional ou pessoal. As perguntas podem lhe deixar com vergonha ou lhe cansar. Para isso, você pode pedir um tempo, deixar de responder qualquer pergunta ou desistir de vez de participar da pesquisa.

Sua participação pode ajudar a compreender os significados dos riscos ginecológicos e urinários decorrentes do trabalho em ambientes úmidos de Marisqueiras do Recôncavo Baiano. Conhecer esses significados possibilitará o melhor entendimento dos problemas vivenciados por vocês no seu ambiente de trabalho. Se com as suas respostas for notada uma queixa ligada às doenças da vagina ou do útero, você será encaminhada a um serviço de saúde, caso queira ser examinada por um médico.

Os resultados deste estudo serão publicados na forma de artigos científicos, em periódicos e revistas científicas, além de ser apresentado para a comunidade estudada.

Qualquer dúvida ou problema que você apresente durante este estudo, você poderá procurar o pesquisador responsável, o Professor Paulo Gilvane Pena, no Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiente e Trabalho (PPGSAT), telefone: (71) 3286-5574, e-mail: [pena@ufba.br](mailto:pena@ufba.br), no endereço: Faculdade de Medicina da Bahia, Largo do Terreiro de Jesus, s/n, Pelourinho, Centro Histórico de Salvador, ou o Comitê de Ética em Pesquisa que aprovou esta pesquisa, o CEP FMB/UFBA, no telefone: (71) 32835564, e-mail: [cepfmb@ufba.br](mailto:cepfmb@ufba.br), no endereço: Largo do Terreiro de Jesus, s/n, Centro Histórico, Salvador, Bahia.

Este termo está em duas vias e uma via deve ficar guardada com você.

Após a leitura você entendeu e concorda com essa pesquisa, assim abaixo.

---

Assinatura do participante

---

Assinatura do pesquisado

**APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

Nome:

Número:

Tema: Trabalho e ambiente de trabalho

1. O que acha do seu trabalho? Como é o seu trabalho?
2. Quem te ensinou mariscar? Desde quando você faz este trabalho?
3. Como é trabalhar em um ambiente úmido? Como é mariscar?
4. Como é ser mulher na mariscagem?
5. O ambiente onde trabalha influencia na sua saúde? Como? Como você vai mariscar?
6. Quais são as roupas que você usa para mariscar? Por que?
7. Quando você sente vontade de fazer xixi ou coco na mariscagem. O que você faz?
8. Vc trabalha quantas horas por dia? (pergunta se ela sai quando sol nasce e volta quando o sol de põe)
9. E quando a maré está alta o que você faz?

Tema: Riscos ginecológicos (perigo) e morbidade referida (doença gineco...)

10. Vc tem algum problema de saúde? O que você sente?
11. O que tem sentido em relação a saúde? você tem algum problema de mulher?
12. Como é estar grávida e ir mariscar? Como você se sente?
13. Como é estar menstruada e ir mariscar? Como você se sente?
14. Fale sobre conforto e desconforto (coceira) na região ginecológica quando trabalho no mar, mangue ou areia da praia – explique a situação – condição; sente alguma coisa, o que, como?
15. Fale sobre perigos no trabalho que você acha que prejudica a região ginecológica; quando molha as suas partes, você sente alguma coisa?

16. Como é o contato da vagina com o mangue ou areia no seu ambiente de trabalho?  
Já pensou sobre isso?
17. Possui algum sintoma/desconforto na vagina? Explique você acha que trabalhar no mangue ou ficar molhada muito tempo tem alguma relação com a saúde da mulher?
18. O que é vagina para você? O que ela representa em seu corpo?
19. Já teve infecção ginecológica alguma vez?
- a) Sabe como adquiriu (infecção vaginal)? Fale como apareceu e o que acha que causou? Se tem alguma infecção nas partes, o que sente? Isso te incomoda? Você sente isso por que?
  - b) Quais são as situações de trabalho em que os sintomas mais aparecem (contato com água do mar; mangue; tempo chuvoso ou ensolarado...) e você acha que estes problemas de mulher que você tem, tem alguma coisa a ver com a maré, com a chuva, com o sol?
  - c) Como os sintomas melhoram ou pioram? Quantas vezes já teve doença ginecológica/inflamação? Você já sentiu isso antes? Quando apareceu este sintomas de mulher?
  - d) Conte se fez algum atendimento médico por causa desse desconforto/inflamação. Como foi?
  - e) Explique o que acontece com outras mulheres nessa situação e o que elas fazem para evitar ou melhorar as dores. E o que elas fazem para se tratar?
  - f) Você usa algum medicamento, chá ou outras formas para melhorar os sintomas.
  - g) Fale sobre problemas que causa na família em relação ao desconforto ginecológico. E isso que você sente de mulher afeta a sua vida com seu marido, com seus filhos, com as pessoas, de que forma?
  - h) Fale sobre medidas de proteção, melhora ou o que faz para evitar os desconfortos.
  - i) Fale como é trabalhar com sintomas e se já necessitou se afastar do trabalho por esse motivo (teve direito à Previdência Social por isso?) quando você sente estas

coisa de mulher, você vai mariscar? Se vai por que? E se não vai mariscar por que? O que sente?

20. Caso tenha tido infecção urinária, fale sobre ela e se acha que tem relação com o trabalho de mariscagem. Você sente algum desconforto, ardor ao urinar ou namorar com seu marido? O que sente?

Tema: Ambiente

21. O que você sabe sobre o mangue? O que você acha que é o mangue pra você?
22. Você acha que o mangue tem relação com as doenças (de mulher) na vagina? Como e por que?
23. Fale o que você sabe sobre benefícios ou melhoras que a praia, mangue, ou mar podem fazer em relação aos problemas ginecológicos (de mulher).
24. Em relação a animais marinhos, o que você acha da presença deles? O que você pensa sobre o animais e plantas do mar? E os mariscos, fale um pouco sobre eles.
25. Você acha que existe poluição no lugar que você marisca? Porque? Qual a causa disso?

\*\*\* Aspectos religiosos, mitos... são muito importantes para o modelo explicativo das doenças.

**OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:**

## ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



FACULDADE DE MEDICINA DA  
BAHIA DA UFBA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** OS SIGNIFICADOS DE RISCOS GENITURINÁRIOS DECORRENTES DO TRABALHO EM AMBIENTES ÚMIDOS DE PRAIA E MANGUEZAIS EM MARISQUEIRAS DO RECÔNCAVO BAIANO.

**Pesquisador:** Paulo Gilvane Lopes Pena

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 44419415.3.0000.5577

**Instituição Proponente:** FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.048.110

**Data da Relatoria:** 04/05/2015

#### Apresentação do Projeto:

O trabalho pesqueiro (artesanal) é milenar e atualmente, adquiriu grande importância no cenário econômico e na reprodução social. As pescadoras profissionais correspondem a 41,34% do total de pescadores profissionais (1.041.967), sendo o Nordeste a região com maior concentração desta categoria. A pesca exercida artesanalmente corresponde a 99,16% do total dos pescadores profissionais. O processo de trabalho realizado pelas Marisqueiras está diretamente relacionado a riscos de: distúrbios musculoesqueléticos; de dermatoses, e de afecções ginecológicas, etc., com uma jornada de trabalho entre 10 e 14 horas. As infecções ginecológicas e urinárias destacam-se como possíveis agravos a saúde. Isso pode estar relacionado à exposição prolongada à água, assim como o contato com o manguezal contaminado por dejetos humanos e resíduos industriais. Porém, este tipo de patologia ainda não se configura como doença ocupacional, pois não há ainda na literatura estudos epidemiológicos sobre esta temática.

Estudo observacional envolvendo 192 participantes – Marisqueiras - que responderão à entrevista semiestruturadas contendo questões sobre trabalho, seus significados e riscos ginecológicos e urinários (ANEXADO - ADEQUADO). E observação participante, utilizando o diário de campo para a complementação das significações contidas nas falas dos entrevistados. As entrevistas serão

**Endereço:** Largo do Terreiro de Jesus, s/n  
**Bairro:** PELOURINHO **CEP:** 40.026-010  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-5564 **Fax:** (71)3283-5567 **E-mail:** cepfmb@ufba.br



Continuação do Parecer: 1.048.110

realizadas com as marisqueiras de Saubara que já fazem parte de um projeto Institucional do Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiente e Trabalho. As Marisqueiras serão procuradas nas comunidades de pescadores e solicitadas à colaborar com a pesquisa. Neste momento, em linguagem acessível, serão dadas informações sobre o projeto de pesquisa, em conformidade com o estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Será assegurado o não constrangimento das marisqueiras que, por ventura, não queiram participar do estudo. As entrevistas serão realizadas em local privado e apropriado. Para preservar o sigilo, os nomes não serão identificados e substituídos por pseudônimos durante todo o processo análise das narrativas e divulgação dos resultados, conforme descrito na metodologia do projeto.

#### **Objetivo da Pesquisa:**

##### GERAL

Compreender os significados dos riscos genitourinários decorrentes do trabalho em ambientes úmidos de Marisqueiras do Recôncavo Baiano.

##### SECUNDÁRIOS

- Identificar condições de trabalho e elementos culturais presentes no trabalho e no ambiente de trabalho das Marisqueiras que podem influenciar nos riscos ginecológicos e urinários;
- Entender as atitudes diante do processo de adoecimento decorrentes das infecções ginecológicas e urinárias para as Marisqueiras do Recôncavo Baiano.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

##### RISCOS:

“Se caso a Marisqueira se sentir constrangida durante a entrevista, será dado um intervalo para a próxima pergunta e se ela desejar seus depoimentos serão excluídos, sem nenhum prejuízo.”

##### BENEFÍCIOS

“Conhecer os significados dos riscos ginecológicos e urinários decorrentes do trabalho em ambientes úmidos das Marisqueiras do Recôncavo Baiano, possibilitará um melhor entendimento dos problemas vivenciados por elas no seu ambiente de trabalho, para posterior incentivo as medidas de promoção e prevenção à saúde.”

<b>Endereço:</b> Largo do Terreiro de Jesus, s/n	<b>CEP:</b> 40.026-010
<b>Bairro:</b> PELOURINHO	
<b>UF:</b> BA	<b>Município:</b> SALVADOR
<b>Telefone:</b> (71)3283-5564	<b>Fax:</b> (71)3283-5567
	<b>E-mail:</b> cepfmb@ufba.br



Continuação do Parecer: 1.048.110

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de um protocolo unicêntrico bem argumentado e embasado cientificamente. Não há óbices éticos.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

TCLE: em convite para participação, refere-se à confidencialidade, objetivos, justificativas, retirada do consentimento e do estudo, riscos, refere sobre os benefícios, fala sobre 2 cópias do documento. ADEQUADO.

ORÇAMENTO: R\$ 1000, orçamento próprio; contrapartida presente, ADEQUADO.

Cronograma: ATUALIZADO, ADEQUADO.

**Recomendações:**

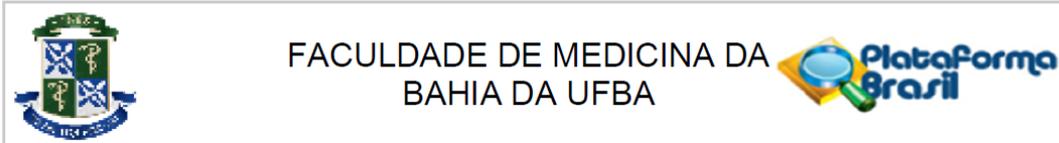
-O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. 466/12 CNS/MS) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.

-O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. 466/12 CNS/MS), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata. No cronograma, observar que o início do estudo somente poderá ser realizado após aprovação pelo CEP, conforme compromisso do pesquisador com a resolução 466/12 CNS/MS.

-O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA - junto com seu posicionamento.

-Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara

<b>Endereço:</b> Largo do Terreiro de Jesus, s/n	<b>CEP:</b> 40.026-010
<b>Bairro:</b> PELOURINHO	
<b>UF:</b> BA	<b>Município:</b> SALVADOR
<b>Telefone:</b> (71)3283-5564	<b>Fax:</b> (71)3283-5567
	<b>E-mail:</b> cepfmb@ufba.br



Continuação do Parecer: 1.048.110

e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

-Relatórios PARCIAIS devem ser apresentados ao CEP-FMB SEMESTRALMENTE e FINAL na conclusão do projeto.

-Assegurar aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa (466/12 CNS/MS).

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

SALVADOR, 04 de Maio de 2015

---

**Assinado por:**  
**Eduardo Martins Netto**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Largo do Terreiro de Jesus, s/n  
**Bairro:** PELOURINHO **CEP:** 40.026-010  
**UF:** BA **Município:** SALVADOR  
**Telefone:** (71)3283-5564 **Fax:** (71)3283-5567 **E-mail:** cepfmb@ufba.br

## ANEXO 2- REVISTAPARA PUBLICAÇÃO- ARTIGO I

### [JNUOL/REUOL] Agradecimento pela Submissão

---

De: **Ednaldo Cavalcante de Araújo** (reuol.ufpe@gmail.com)

Enviada: terça-feira, 2 de agosto de 2016 22:26:30

Para: Ericka Souza Browne (ericka\_browne@hotmail.com)

Prezado/a autor/a Ericka Souza Browne,

Agradecemos-lhe pela submissão do artigo "MEANING OF GENITOURINARY COMPLAINTS IN THE SHELLFISH COLLECTORS: YOUR "WOMAN PROBLEMS" IN DAILY LIFE OF TIDES" para a Rev enferm UFPE on line. [DOI: 10.5205/01012007 / Qualis B 2 / Fator de Impacto RIC: 0,9220].

A nossa prioridade de publicação em cada edição é para os artigos na CATEGORIA ORIGINAL. Caso não tenha sido a sua categoria, se avaliado e aprovado, faremos o possível para publicação na Edição corrente, caso contrário, SÓ DEVERÁ SER PUBLICADO em Edição Especial, se convier.

Se o manuscrito foi submetido DE ACORDO com as Normas de FORMATAÇÃO e ESTRUTURA da Reuol

([http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/files/NORMAS\\_EM\\_PORTUGUES.INGLES.ESPAÑHOL\\_REUOL\\_FEV\\_2013.pdf](http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/files/NORMAS_EM_PORTUGUES.INGLES.ESPAÑHOL_REUOL_FEV_2013.pdf)), será ENCAMINHADO PARA DOIS ou MAIS AVALIADORES. Caso contrário,

SERÁ ENVIADO COMUNICADO PARA OS AJUSTES e INSTRUÇÕES PARA O REENVIO. Se permanecer SEM ATENDER AS TAIS NORMAS, será ARQUIVADO e comunicado será

enviado aos autores. Se houver interesse ainda em publicá-lo, deverá ser submetido novamente, que será iniciado novo processo de julgamento por pares.

A Reuol é um periódico trilingue, com acesso livre ao conteúdo em PORTUGUÊS/INGLÊS/ESPAÑHOL, que publica mensalmente cerca de 40 artigos

---